



MESTRADO ACADÊMICO EM FILOSOFIA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ –  
UECE

VI SEMPESQ – VI  
Seminário de Pesquisa  
do Mestrado Acadêmico  
em Filosofia

---

V Colóquio de Estudos Hegelianos

03/12/2012

**Título:** **ACERCA DA EPISTEMOLOGIA SPINOZISTA**

**Segmento:** Ética Fundamental

**Autor:** BRENA KÉSIA DA COSTA CHAGAS

**E-mail:** brenakesia6@gmail.com

**Palavras-Chave:** CONHECIMENTO, IDEIA, BEATITUDE

Na segunda parte de sua obra maior, a saber, *Ethica*, Spinoza tentará chegar ao conhecimento da mente humana e de sua beatitude suprema. Dessa forma, o filósofo holandês chega à conclusão de que somos capazes de perceber muitas coisas e formar noções universais a partir de determinadas vias. A primeira seria através das coisas singulares, que os sentidos representam mutilada, confusamente, e sem a ordem própria do intelecto. A esse tipo de percepção, Spinoza irá denominar de experiência errática; ainda nessa primeira via, há a percepção através dos signos, ou seja, através dos sentidos formamos ideias semelhantes às que nos foram dadas, das quais imaginamos as coisas. A esses dois modos de percepção denomina-se conhecimento do primeiro gênero. A segunda via seria pelas noções comuns e ideias adequadas das propriedades das coisas. A esse modo, Spinoza denomina de razão ou conhecimento do segundo gênero. A terceira via seria denominada de conhecimento intuitivo. Dessa forma, pretende-se expor e analisar os três gêneros de conhecimento dados por Spinoza a fim de se concluir qual deles seria o mais correto para se chegar ao conhecimento verdadeiro e à beatitude suprema.

**Título:** **A CONSTRUÇÃO DA ESSÊNCIA DE SUBSTÂNCIA NA ÉTICA DE BENEDICTUS DE SPINOZA**

**Segmento:** Ética Fundamental

**Autor:** JÉSSICA NUNES CHAVES

**E-mail:** ja.jeje@hotmail.com

**Palavras-Chave:** SUBSTÂNCIA , ESSÊNCIA , DEUS

Para Benedictus de Spinoza a Substância é Deus. A sua essência como sendo pura positividade. O presente artigo trata da construção da essência de Deus conforme as definições I a VIII do Livro I da *Ética*. Spinoza compreendeu Deus como sendo um ente infinito, ou seja, a substância possuindo infinitos atributos, que, portanto possui uma essência eterna e infinita. Procurou criar a ideia de Deus imanente a suas criaturas ou à natureza, como princípio ontológico. Deus é definido como um verdadeiro conceito. O ser - humano não pode conhecer todos os atributos de Deus, contudo, podem-se conhecer dois: pensamento e extensão. Para Spinoza, a diferença entre o entendimento Divino e o entendimento humano ocorre apenas no aspecto quantitativo, não havendo diferença no aspecto qualitativo. A definição spinozista de substância reserva exclusivamente a Deus o sentido forte do termo "Substância", interditando à sua aplicação para outras coisas.

**Título:** **A CRÍTICA DE AGOSTINHO AO TEATRO NO LIVRO III DAS CONFISSÕES**

**Segmento:** Ética e Estética

**Autor:** FELIPE YURI GINO DE ABREU

**E-mail:** felipe.yuri.abreu@gmail.com

**Palavras-Chave:** AGOSTINHO, TEATRO, CONTEMPLAÇÃO

O presente trabalho é constituído por uma exposição do modo como Agostinho tece sua crítica em relação ao teatro trágico de sua época, nossa explanação parte do entendimento do Bispo de Hipona e que é exposto no terceiro livro de suas *Confissões*, que o homem, ao assistir encenações trágicas e tristes, busca nelas, ter uma experiência daquilo que ele não gostaria de vivenciar realmente. O autor observa que, quando esta encenação não é feita de modo a causar a tristeza ou a comoção esperada, o público tende a reclamar da atuação, então conclui que, o que haveria de prazeroso nesta contemplação seria a compaixão, que é a participação na dor do outro, ou seja, o homem busca no teatro participar da dor que está ali sendo encenada. Contudo, como seria verdadeiramente proveitoso ao homem sentir prazer em vivenciar um falso sofrimento em nome de uma compaixão, que não tem a pretensão de auxiliar aquele que sofre, mas que se reduz ao padecer junto com o outro? Portanto, nossa explanação buscará explicitar que está crítica de Agostinho ao teatro não se dá unicamente em função de refutar o teatro, mas sim, tendo em vista que o homem pode viver uma piedade bem mais verdadeira que esta causada pelo teatro.

**Título:** **A CRÍTICA DE MARX À CONCEPÇÃO HEGELIANA DE ESTADO**

**Segmento:** Ética e Filosofia Social e Política

**Autor:** EVELINE LIMA ROCHA

**E-mail:** evelinelrocha@gmail.com

**Palavras-Chave:** ESTADO, ALIENAÇÃO, POLÍTICA

Karl Marx (1818-1883) escreve entre 1843 e 1844 dois textos críticos à concepção hegeliana de Estado, a saber, Os Manuscritos de 1843 e a Introdução à crítica da Filosofia do Direito de Hegel. Apoiamo-nos, portanto, nestas obras a fim de revelar o caráter alienado de tal concepção. Fundamenta na teoria da alienação de Ludwig Feuerbach (1804-1872), a crítica realizada por Marx à Filosofia do Direito de Hegel, obra em que centra-se nossa análise, demonstra a alienação política contida nela. Marx transfere, assim, a crítica feuerbachiana da religião para a crítica da política, uma vez que, o feito de Feuerbach em relação à religião - devolver a ela seu caráter humano - tinha que ser realizado com a política. O objetivo do nosso trabalho é, portanto, explicitar a crítica marxiana à concepção de Estado de Friedrich Hegel (1770-1831). Logo, como, para Feuerbach, a religião representa a alienação do homem, que transfere a sua essência para um ser abstrato, fora dele, isto é, para Deus, Marx apresenta o conceito hegeliano de Estado como a alienação da sociedade civil, a qual tem no Estado a sua causa, enquanto que, na visão marxiana, o que ocorre é o inverso, já que não é o Estado que cria a sociedade civil, mas, ao contrário, é criado por ela.

**Título:** **A CULPA COMO MOMENTO DO AGIR DO SUJEITO SEGUNDO HEGEL**

**Segmento:** Hegel e Filosofia Hegeliana

**Autor:** MARIA DA CONCEIÇÃO MOTA FERREIRA

**E-mail:** danielly\_lindha@yahoo.com.br

**Palavras-Chave:** RESPONSABILIDADE, CULPA, PROPÓSITO

Este trabalho tem por objeto apresentar o desenvolvimento da primeira seção da Moralidade, que Hegel chama de "o propósito e a culpa". Neste momento de sua obra Hegel irá tratar do conceito de "causa" e "culpa". Todo agir do sujeito pode ser causa do que foi e, também, de coisas que não foi prevista por ele. Para o sujeito ser indicado como culpado ele deve ser acusado por aquilo que ele quis realizar. A vontade moderna indica que alguém é culpado quando em sua ação esta presente, também, o seu propósito. Para Hegel o sujeito pode ser culpado, até mesmo, se o dano for causado por uma propriedade sua, um exemplo é os animais, aqui Hegel expõe a responsabilidade pelo perigo. Para Hegel os únicos que são isentos de culpa são as crianças e imbecis. "Crianças e imbecis, certamente sabem que batem e queimam, mas não que isso mata ou pode matar" (§ 120). Esses momentos apresentados são o desenvolvimento do conceito de culpa, que é apresentado por Hegel.

**Título:** **A DIALÉTICA DO SENHOR E DO ESCRAVO**

**Segmento:** Hegel e Filosofia Hegeliana

**Autor:** DIEGO DE FARIAS LOPES

**E-mail:** zehdiego@hotmail.com

**Palavras-Chave:** SENHOR E ESCRAVO, DIALÉTICA, FENOMENOLOGIA DO ESPÍRITO

Neste trabalho, pretende-se explicar, sucintamente, a dialética do senhor e do escravo, presente na obra *Fenomenologia do Espírito*, de G. W. Hegel, na parte desta que se refere à consciência de si, na verdade da certeza de si mesmo, no que diz respeito à independência e dependência da consciência de si na relação entre dominação e escravidão respectivamente. A fim desse escopo, em seu prelúdio, trata-se da consciência enquanto certeza sensível pela qual a percepção se dá em relação ao que lhe é distinto no momento que antecede a consciência de si, e nesta, que, opondo-se àquela, trata-se de sua própria certeza à luz de seus momentos do desejo, da vida, do outro e do reconhecimento; por segundo, a questão da dialética do senhor e do escravo em epígrafe se concentra neste momento do reconhecimento, onde há, de duas consciências de si, uma desigualdade na qual só uma reconhece e só outra é reconhecida, motivo por que há essa luta de vida ou morte entre o que é para-outro (Escravo) e o que é ser-para-si (Senhor), de cuja relação desigual se conclui que o primeiro eleva-se a para-si, assim como a consciência de si em seu momento e não mais a consciência enquanto certeza sensível. Por fim, faz-se a leitura: da referida obra hegeliana, traduzida em português por Paulo Menezes; do roteiro deste autor, cujo título é *Para Ler a Fenomenologia do Espírito*; do artigo A dialética do senhor e do escravo, de Roland Corbisier, presente em sua obra *Filosofia e Crítica radical*; e do artigo *Repensar a Dialética do Senhor e do Escravo na Perspectiva de Gênero*, de Marly Carvalho Soares.

**Título:** **A EDUCAÇÃO LIBERTADORA EM TEMPOS DE MERCANTILIZAÇÃO**

**Segmento:** Ética e Filosofia Social e Política

**Autor:** FERNANDO LUIZ DUARTE JUNIOR

**E-mail:** fe\_fri@hotmail.com

**Palavras-Chave:** EDUCAÇÃO LIBERTADORA, EDUCAÇÃO MERCADOLÓGICA, FREIRE E MÉSZÁROS

A educação serve para algo e/ou alguém. Cabe-nos perguntar: "Para quê, para quem serve e porque?" Este trabalho pretende levantar, sobretudo, a reflexão do caráter doutrinador de uma Educação Mercadológica que reproduz os interesses de um determinado grupo da sociedade que se beneficia da lógica produzida por tal educação em contraposição a educação libertadora. Eis a resposta para as nossas perguntas geradoras, que foram e estão sendo investigadas com base na observação participante nos ambientes escolares participantes dos projetos do PIBID de Sociologia e Educação em Direitos Humanos: Gênero e Sexualidade da Universidade Federal do Ceará, e levantamento bibliográfico sobre o assunto. Lançamos mão do filósofo e educador brasileiro Paulo Freire na perspectiva da Educação Libertadora, principalmente em sua obra "Pedagogia do Oprimido", auxiliando-nos também com a "Pedagogia da Autonomia" e de alguns de seus fundamentadores, como Erich Fromm, Herbert Marcuse e Simone de Beauvoir, dialogando com István Mészáros em seu "A Educação para além do Capital" e Christophe Dejours em seu "A Loucura do Trabalho" para percebermos como a doutrinação escolar serve aos interesses do corpo "domesticado" para o trabalho que adoce o homem e a sociedade. Pretendemos, portanto, assim procurar construir não apenas a resposta, já previamente dada, sobre as perguntas, previamente apresentadas, mas sim, procurar através de uma reflexão, os fundamentos de tais questões e respostas e transitar entre essas possibilidades de perspectivas sobre o caráter da educação como mercadológica (reprodutora) e libertadora que perpassam por problemas, éticos, estéticos e políticos da sociedade em geral, que foram observadas e estão ainda em constante processo, nas escolas a nível de Ensino Médio.

**Título:** **A EMERGÊNCIA DAS SEXUALIDADES NO ESPAÇO ESCOLAR: NOTAS FOUCAULTIANAS SOBRE O GOVERNO E O CONTROLE DOS CORPOS**

**Segmento:** Ética e Filosofia Social e Política

**Autor:** KÁCIA NATALIA DE BARROS SOUSA LIMA

**E-mail:** alister\_maden@yahoo.com.br

**Palavras-Chave:** MICHEL FOUCAULT, SEXUALIZAÇÃO, DISCIPLINA

O objetivo da presente comunicação é especificar a existência de uma "tecnologia do corpo", apresentada por Michel Foucault (1926 - 1984) em sua obra *Vigiar e Punir*, demonstrando que o ambiente escolar é por excelência o local onde o corpo é encerrado em um gênero. Desde o nascimento, a unidade do corpo passa a ser parte de uma rede invisível de técnicas e determinações que, atuando de forma engenhosa, desenvolve nesse corpo determinadas aptidões e negligencia outras; esse corpo inserido no espaço escolar torna-se um corpo marcado pela distinção do gênero. O filósofo francês em sua obra *Vigiar e Punir*, assinala que o corpo se torna instrumento de novas técnicas de correção, para as quais o fundamental já não é punir e sim reeducar esse corpo, observando que a pedra fundamental que sustenta a economia do poder é, por excelência, sua atuação nos corpos. Afirmar ainda no primeiro volume da sua *História da Sexualidade* intitulado *A Vontade de Saber*, que o dispositivo da sexualidade desempenha papel fundamental na ideia de sexo, a sexualização dos corpos encarnou funções anátomo-fisiológicas constituindo todo um processo do "verdadeiro sexo"; para além dos domínios da normatividade, haverá as chamadas "condutas perversas", esta última será alvo da disciplina que afetará o corpo. É possível perceber que a referência de segurança que existe nos corpos acerca da sexualidade é marcadamente a identidade de gênero, e é partir dessa referência que somos apresentados e nos representamos, qualquer alteração nessa categoria torna-se, portanto, uma alteração na "essência do sujeito", essa relação de gênero inscreve nos corpos uma diferenciação que marca identidades. A sociedade, por esse viés, participa desse processo demarcando a representação da norma, por vezes de forma sutil, por vezes de forma violenta, mas sempre com a finalidade de educar os corpos e produzir uma sexualidade "normal".

**Título:** **A FORMAÇÃO CULTURAL COMO O CAMINHO DO DESESPERO: CONSIDERAÇÕES SOBRE O § 78 DA FENOMENOLOGIA DO ESPÍRITO DE HEGEL**

**Segmento:** Hegel e Filosofia Hegeliana

**Autor:** DAVID BARROSO

**E-mail:** db.oliveira@hotmail.com

**Palavras-Chave:** SUJEITO, DÚVIDA, OUTRO

Na obra *Fenomenologia do Espírito* (1807), de G. W. F. Hegel (1770-1831), foi apresentado o discurso, pelo Sujeito (espírito universal), sobre o sujeito (espírito particular) em sua própria formação cultural (*Bildung*): o caminho que o sujeito inculto, enquanto consciência natural, percorre, através de uma série de figuras ou momentos, na busca do saber verdadeiro, absoluto. O escopo deste trabalho consistiu em apontar, por meio do método hermenêutico, a perspectiva deste sujeito em sua formação cultural, sob referência direta ao § 78 da obra supracitada. Destarte, esta formação cultural possui, necessariamente, no sujeito e para o Sujeito, uma significação negativa (negação determinada): a consciência é impelida, por si própria, a defrontar-se com seu oposto, o Outro. Neste momento, a consciência perde-se frente ao desconhecido; e percebe-se dotada apenas de um saber não-verdadeiro de si mesmo e deste Outro, em-si: um abismo vazio e um esvaziamento-de-si que leva o sujeito ao desespero (*Verzweiflung*). Sem poder fugir deste seu destino - em movimento dialético-especulativo -, o sujeito, desesperadamente, questiona essa relação dual (*Zweifel*) si-Outro. Põe em dúvida (*Zweifel*) esta relação fenomenal na busca de um sentido que o preencha, ainda que momentaneamente. Assim, a formação cultural, enquanto vir-a-ser do desconhecido, é um desvanecer-de-novo da dúvida ou, com mais propriedade, para o próprio sujeito em formação, é o caminho do desespero.

**Título:** **A IMAGINAÇÃO NA ÉTICA DE BENEDICTUS DE SPINOZA**

**Segmento:** Ética e Filosofia Social e Política

**Autor:** KARINE VIEIRA MIRANDA

**E-mail:** karine\_freeloesofia@hotmail.com

**Palavras-Chave:** IMAGINAÇÃO, CONHECIMENTO, RAZÃO

Este trabalho versa sobre o gênero do conhecimento, denominado imaginação, e sobre a progressão da mesma ao segundo gênero do conhecimento, a razão. A obra principal a ser abordada é a *Ética*. Os objetivos principais deste trabalho são apresentar a importância do conhecimento para Spinoza e provocar no leitor uma reflexão sobre a busca do conhecimento e sobre a necessidade de progredir em conhecimento para o alcance da liberdade. O método utilizado é a exegese, ou seja, a leitura e interpretação das obras supracitadas e de outras que servem de apoio. Spinoza tem o conhecimento como ator fundamental na obra supracitada, acompanhando todos os filósofos que o antecederam, desde Aristóteles, no que concerne a valorização e busca do verdadeiro conhecimento, compreendendo que o mesmo só é possível a partir do conhecimento da causa. Spinoza inicia então a *Ética* pela definição de causa de si. Define um Deus imanente, que é Natureza, causa de si, substância única e infinita, constituída por infinitos atributos, sendo possível ao homem conhecer apenas aqueles que o próprio possui: pensamento e extensão. Conhecer Deus é de suma importância para progredir da imaginação para a razão, pois somente ao conhecer-se como parte do todo, o homem aproxima-se da razão, segundo gênero do conhecimento. Como conclusão parcial pode-se afirmar que a ideia é imaginativa e inadequada quando traduz de maneira imediata a afecção do corpo, e verdadeira ou adequada quando age de modo a compreender a gênese da afecção. Das ideias inadequadas resultam os desejos que denominamos paixões e das adequadas resultam os desejos que denominamos ações. A mente não erra por imaginar, mas erra por não saber que imagina, pois quando sabe, liberta-se da influência exclusiva da imaginação, afastando-se da servidão e aproximando-se da liberdade.

**Título:** **ALGUMAS QUESTÕES SOBRE POLÍTICA, ARTE E TÉCNICA EM WALTER BENJAMIN**

**Segmento:** Ética e Filosofia Social e Política

**Autor:** FRANCISCA PALLOMA SOARES PAULINO

**E-mail:** pallomasoares7@hotmail.com

**Palavras-Chave:** WALTER BENJAMIN, POLÍTICA, ARTE

O desenvolvimento técnico das forças produtivas proporcionado pelas relações de produção inerentes ao alto capitalismo foi responsável pelas transformações que atingiram os mais variados setores da vida moderna. No âmbito artístico, esta modificação encontra-se manifesta na figura da reprodutibilidade técnica. A capacidade de reproduzir em larga escala e através de meios modernos potencializou o alcance da arte, visto que estreitou as relações entre a arte e o público. E, em seus limites, esta inovação brusca pôs a própria existência da arte em questão. Afinal, em que medida a fotografia pode ser considerada tão ou mais artística que a pintura, por exemplo? O cinema é uma forma de arte? No caso de não o ser, qual sua função dentro da ordem em que está inserido? Estes questionamentos estão na base do pensamento do pensador alemão Walter Benjamin em sua discussão acerca da arte. De acordo com o autor, a reprodutibilidade técnica tornou a arte uma importante

aliada política contra o próprio sistema que a tornou possível. O rádio, o cinema, a fotografia e tantos outros exemplos de expressão artística proporcionados pela técnica são vistos, portanto, como uma possibilidade revolucionária. A reflexão que se pretende explorar neste trabalho possui como fundamento o ensaio "A obra de arte na era da sua reprodutibilidade técnica", de 1936, de Walter Benjamin e em suas anotações contidas no Caderno K das *Passagens*. O esforço desta pesquisa consiste em, de modo breve, expor as considerações de Benjamin referentes à técnica e ao caráter político que ela emprega à arte, articulando para isto os dois textos citados. Os estudos de Walter Benjamin sobre os novos meios de expressão da arte encontram sua incontestável importância no âmbito político porque trazem consigo uma visão atenta, desprovida de preciosismos e retornos que expõe a clareza de sua postura materialista.

**Título:** **A LIBERDADE NATURAL E POLÍTICA EM ROUSSEAU**

**Segmento:** Ética e Filosofia Social e Política

**Autor:** PAULO SÉRGIO CRUZ BARBOSA

**E-mail:** psfilosofia@gmail.com

**Palavras-Chave:** LIBERDADE, NATURAL, POLÍTICA

Este resumo trata da ideia central da nossa pesquisa de dissertação. A questão da liberdade foi considerada pela história da filosofia moderna o centro da filosofia de Rousseau. A possibilidade de se pensar no referido tema nos obrigou a seguir um método dialético que vislumbrou dois caminhos paradoxais no pensamento do autor, a saber, as condições da liberdade natural, narrada no Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens, e da liberdade política apresentada no seu Contrato Social. É sabido que a liberdade natural está ligada à independência do homem primitivo diante das condições do estado de natureza, e a liberdade política se caracteriza pela responsabilidade moral do cidadão, na dinâmica da participação social, e a partir das condições do pacto social. Enquanto a liberdade natural é um presente da natureza, a liberdade política é construída a partir de uma consciência ética e política.

**Título:** **A MIMÉTICA E A ARTE EM PLATÃO**

**Segmento:** Ética e Estética

**Autor:** JOHN KARLEY DE SOUSA AQUINO

**E-mail:** john\_rpg2811@hotmail.com

**Palavras-Chave:** ARTE, MÍMESIS, PLATÃO

Tornou-se lugar comum a afirmação de que Platão é contra a arte e de que os poetas estão proibidos de permanecer na cidade ideal, ou seja, a arte não contribui com a justiça e passa a passos largos da verdade, e que pelo contrário, a poesia apenas contribui com a mentira e a corrupção. O presente artigo tem como questões o seguinte: (1) Em Platão a arte é necessariamente corruptora? (2) A *mimesis* em Platão está sempre afastada "três graus da verdade"? O artigo visa desconstruir esses mal-entendidos e expor o conceito de *mimesis* em Platão e sua relação com a arte enquanto produção. O artigo seguirá uma metodologia expositiva indo das considerações gerais sobre a arte e a *mimesis* e suas considerações mais determinadas sobre a arte e seu lugar na *pólis* eidética. O artigo terá como referências principais os diálogos platônicos A República e O Sofista, assim como obras complementares de alguns comentaristas. Pretende-se com a conclusão suplantando o aparente estigma de Platão sobre a arte e apresentar o lugar legítimo da arte e sua possível contribuição a verdade e a justiça conquanto que esteja de acordo com certos princípios e se enquadre de acordo com as exigências políticas verdadeiras, ou seja, a impossibilidade do que é tido como canônico contemporaneamente, a tese da arte pela arte.

**Título:** **A NEGAÇÃO DE SI COMO FUNDAMENTO REVOLUCIONÁRIO**

**Segmento:** Ética e Filosofia Social e Política

**Autor:** ERIVÂNIA DE MENESES BRAGA

**E-mail:** erivaniabraga@yahoo.com.br

**Palavras-Chave:** EXPERIÊNCIA, PROLETARIADO, AUTOSSUPRESSÃO

Segundo Lukács, a ciência e a experimentação modernas nos revelam, por um lado, um sujeito cuja atitude é meramente contemplativa: um espectador, e, por outro lado, fazem referência ao mundo como criação humana, que, por sua vez, aponta para a constituição histórica de um sujeito que articula as leis científicas como produto de sua prática. Essa antinomia moderna abre espaço para o surgimento de um sujeito capaz de romper com a existência do modo capitalista de produção e de superar a reificação. A crítica ao capitalismo de *História e consciência de classe* tem sua fundação neste sujeito historicamente determinado, todavia, resta saber, "com

que direito podemos dizer que a reificação pode ser superada e por que o proletariado é sujeito dessa transformação". Nossa pesquisa pretende refletir sobre a autossupressão da classe proletária como um movimento consciente da busca pela emancipação humana. Na introdução à seção "O ponto de vista do proletariado", o filósofo budapestense escreve que a classe proletária surge como produto do capitalismo e, por sua própria constituição social, "a reificação deve se manifestar nelas de modo mais marcante e mais penetrante, produzindo a desumanização mais profunda". Por sua própria experiência desumanizante o proletariado realiza um movimento de autoconhecimento, pois, para Lukács, a essência do proletariado é idêntica à essência da sociedade moderna, ou seja, é negativa. Lukács escreve que "enquanto persegue os fins de classe, o proletariado realiza de maneira consciente os fins - objetivos - do desenvolvimento da sociedade", isso quer dizer que, o ser da história caminha para a dissolução da sociedade de classes e que o proletariado é o instrumento mediador desta passagem. No entanto, não há caráter de inexorabilidade nesse processo, pois, para esse movimento ser realizado, o proletariado deve desvelar sua consciência de classe, de modo que "sem a intervenção consciente [os fins] teriam de permanecer como possibilidades abstratas e barreiras objetivas".

**Título:** **A ONTOLOGIA DO NEGATIVO: APROXIMAÇÕES ENTRE METAFÍSICA, DIALÉTICA E LINGUAGEM, NO ÂMBITO DO PENSAMENTO HEGELIANO**

**Segmento:** Hegel e Filosofia Hegeliana

**Autor:** MARCO ANTÔNIO VASCONCELOS

**E-mail:** marco\_clarineta@yahoo.com.br

**Palavras-Chave:** ONTOLOGIA, DIALÉTICA, LINGUAGEM

Os estudos linguísticos, sobretudo, os de cunho pragmático, cada vez mais, passam a revisitar as propostas filosóficas de Friedrich Hegel. Por força, concebendo-o não como um metafísico e um idealista obscuro, defensor da primazia das ideias absolutas e de regimes autoritários, mas sim como um filósofo que pode contribuir bastante no aprofundamento de questões relativas à natureza e aos usos da linguagem, na medida em que é possível vislumbrar, no escopo das propostas do filósofo alemão, vários pontos em que linguagem, dialética e ontologia se entrecruzam. Dessa forma, enquadrando-se na esfera dessas modernas discussões sobre a filosofia hegeliana, este trabalho tem o intuito de realizar uma discussão sobre a possível articulação entre os campos da metafísica, da dialética e dos usos linguísticos, na esfera das propostas do autor da Fenomenologia do Espírito. Por conseguinte, buscamos responder aos seguintes questionamentos: Para Hegel, fenômenos linguísticos têm alguma dimensão ontológica? Se sim, como seria concebida essa dimensão ontológica? É possível fazer, no âmbito da filosofia hegeliana, alguma articulação entre os campos da ontologia, da dialética e da linguagem? Com o intuito de operacionalizarmos teórica e metodologicamente esse trabalho, iremos nos apropriar das propostas teóricas e reflexões de Vladimir Safatle (2006a, 2006b), autor que propõe um Hegel que, não contraditoriamente, seria o mais sublime dos metafísicos e um dos mais radicais pragmáticos. Por fim, a partir de nossas pesquisas, chegamos a alguns resultados, entre eles o de que, para Hegel, fenômenos linguísticos têm uma dimensão ontológica, mais especificamente, uma dimensão ontológica de cunho negativo, uma vez que, se é possível pensar em uma imanência no campo da filosofia hegeliana, essa tem de ser, necessariamente, pensada enquanto conceito negativo, sem materialidade específica; ademais, essa ontologia negativa se manifesta no próprio movimento dialético da linguagem, sobretudo, no que o conceito tem de insuficiente. Dessa forma, concluímos que Hegel é um filósofo que pode contribuir bastante para os estudos no campo da linguagem, sobretudo, no que se liga à perspectiva pragmática dos estudos linguísticos.

**Título:** **A POTÊNCIA DA MULTIDÃO E A FUNDAÇÃO DO ESTADO EM BENEDICTUS DE SPINOZA**

**Segmento:** Ética e Filosofia Social e Política

**Autor:** GUADALUPE MACÊDO MARQUES

**E-mail:** guazinhah@hotmail.com

**Palavras-Chave:** POTÊNCIA, MULTIDÃO, ESTADO

Ao escrever o *Tratado Político* (1677), obra inacabada, o filósofo holandês Benedictus de Spinoza (1632-1677) propôs a instituição de uma forma de governo que garantisse a segurança dos indivíduos de exercerem livremente as funções do corpo e da mente. Na mesma obra, o filósofo sustentou sua tese acerca da potência da multidão, ou seja, a vontade de todos os indivíduos em conjunto, unidos por um medo ou uma esperança em comum. Segundo Spinoza, o Estado (*imperium*) seria a expressão dessa potência. Para que decida e ordene sobre o direito comum, é necessário que essa se configure como domínio sobre cada uma das potências individuais. Assim, a potência do Estado sempre será uma resultante das potências e impotências do soberano e dos súditos. Na perspectiva de Spinoza, o direito à expressão de opiniões, assim como o número de participantes nas decisões, são requisitos para a preservação da liberdade, transparência e um maior número de decisões acertadas. Quanto mais os indivíduos fizerem uso da razão, mais estarão sob jurisdição de si próprios e mais livres serão. Essa liberdade do conjunto de indivíduos implicará na liberdade do próprio Estado.

Pode-se afirmar, portanto, que o exercício contínuo da potência da multidão produz efeitos libertadores. O presente trabalho tem como objetivo demonstrar como o Estado se constitui a partir da potência da multidão e ainda como esse poder dos indivíduos em conjunto é fundamental para a manutenção da paz e da liberdade, essencial para a conservação do Estado.

**Título:** **A QUESTÃO DA LIBERDADE NA PRIMEIRA PARTE DA ÉTICA DE BENEDICTUS DE SPINOZA**

**Segmento:** Ética e Filosofia Social e Política

**Autor:** FRANCISCA JULIANA BARROS SOUSA LIMA

**E-mail:** jujubeleza777@yahoo.com.br

**Palavras-Chave:** SPINOZA, ONTOLOGIA, LIBERDADE

Estudar as obras de Benedictus de Spinoza (1632 - 1677) é entender uma ramificação singular do pensamento do século XVII; mais do que isso, é encarar um novo olhar, uma nova perspectiva de homem e de Natureza. Neste artigo, temos por intuito apresentar uma breve exposição sobre o fundamento ontológico da liberdade na *Ética* de Benedictus de Spinoza, sob a hipótese de que a liberdade não se relaciona com uma livre vontade, mas com a necessidade interna de uma coisa. Assim, a liberdade não é ausência de causas para uma determinada ação, e sim uma capacidade de se autodeterminar, e por isso Deus / e (ou) Substância é livre, pois age segundo a necessidade de sua própria natureza, onde nada existe de externo a ele que possa constrangê-lo. Para tanto, utilizaremos como texto de apoio as correspondências que Spinoza troca com Tschirnhaus (1651 - 1708).

**Título:** **ARTE E POLÍTICA NO ENSAIO A OBRA DE ARTE NA ERA DE SUA REPRODUTIBILIDADE TÉCNICA DE WALTER BENJAMIN**

**Segmento:** Ética e Estética

**Autor:** SARA RAQUEL MOTA MOREIRA

**E-mail:** sararaquel2112@hotmail.com

**Co-Autores:** PAULO ANTÔNIO SARAIVA PEREIRA VALENTE

**Palavras-Chave:** WALTER BENJAMIN, ARTE, POLÍTICA

A modernidade trouxe consigo transformações que abalaram a forma tradicional da recepção artística. A reprodução, a produção em série e as novas formas técnicas como a fotografia, o cinema e o rádio modificaram o modo pelo qual a arte é recebida e significada, desprovido-a de seu caráter singular, único. O presente trabalho tem como objetivo explicitar de que modo tornou-se possível e como pode ser percebido o fenômeno da perda da aura na obra de arte, segundo o ensaio de Walter Benjamin, intitulado "A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica", de 1936. A aura, segundo Benjamin, representa um valor próprio da tradição que garante ao objeto artístico unicidade e eternidade. Esse valor aurático é perdido na era da reprodutibilidade exatamente por que a reprodução destrói na arte este caráter de unicidade, de originalidade e retira a condição de sacralidade inerente à arte tradicional. A perda do valor aurático da arte possui sua relevância no fato de que aproxima o objeto de um maior número de pessoas. O objeto deixa o seu valor de culto e exposição para se tornar próximo a todos. Somente ao perder este caráter aurático a obra de arte pode ultrapassar seus limites e, então, adquirir uma função política.

**Título:** **A SABEDORIA COMO MEIO PARA ALCANÇAR A FELICIDADE**

**Segmento:** Ética e Filosofia Social e Política

**Autor:** SUELEN PEREIRA DA CUNHA

**E-mail:** suelenldp2011@gmail.com

**Palavras-Chave:** SABEDORIA, TRISTEZA, FELICIDADE

A sabedoria é, no mundo árabe, o caminho para se chegar à felicidade. Neste sentido, objetivamos, no presente trabalho, mostrar como dois pensadores conceberam a felicidade e a tristeza a partir de uma perspectiva ética e política. Com Al-Kindi, tem-se um pensador que trabalha a questão da felicidade a partir da perspectiva da ética e Al-Fārabi, da política. Al-Kindi na obra *A arte da consolação* mostra como a tristeza causa danos à alma e que o homem deve se desapegar de tudo que o mundo sensível oferece. Afinal, quando não ocorre o desapego, ele se entristece e causa um mal a si mesmo, sendo que cabe só ao próprio indivíduo acabar com esta tristeza. Al-Farabi, por sua vez, em sua política, mostra que o homem tem que viver em sociedade, ele afirma que só assim ele pode ter suas necessidades alcançadas e, assim, ser feliz. Mostrando que na cidade as pessoas tem que eleger um chefe e que este chefe é quem possui um maior grau de perfeição, pois a perfeição está diretamente ligada à felicidade e à sabedoria, seja escolhido como chefe. Pretende-se, então, elaborar um paralelo entre



estes dois pensadores, mostrando o que eles tem em comum tendo como base os três elementos: sabedoria, tristeza e felicidade.

**Título:** **ASPECTOS DA NEGAÇÃO DA FILOSOFIA A LUZ DA TEORIA DIALETICA**

**Segmento:** Hegel e Filosofia Hegeliana

**Autor:** MARIA FILOMENA SIQUEIRA TORRES

**E-mail:** filozinhatorres@gmail.com

**Co-Autores:** MARIA FILOMENA SIQUEIRA TORRES

**Palavras-Chave:** DIALETICO, FILOSOFIA, METODO

O trabalho contextualiza aspectos do método materialista histórico dialético e seu desenvolvimento para a pesquisa da subjetividade. Apresenta conceitos epistemológicos e definições conforme tratadas por Marx e Hegel. Apresenta-se também um enfoque de uma filosofia marxista conforme proposta por autores como Vygotsky incorporando a dialética na análise dos fenômenos psicológicos. O objetivo neste trabalho é a proposta de análise da História a partir de Hegel e Marx e a forma como se pensa a Filosofia. O processo lógico, em questão trata tanto o método científico, como também um raciocínio filosófico. Nesta pesquisa a dialética é contraditória do real, que no seu constitutivo passa por três fases: a tese, a antítese e a síntese. Na verdade o movimento da realidade foca no antagonismo tanto na tese como antítese, cuja contradição deve ser superada pela síntese.

**Título:** **A TÉCNICA MODERNA COMO OBJETO DA ÉTICA**

**Segmento:** Ética e Filosofia Social e Política

**Autor:** MARCO CÉSAR DE SOUZA MELO

**E-mail:** smarcocesar@hotmail.com

**Palavras-Chave:** HANS JONAS, TÉCNICA, ÉTICA

A tecnociência é, sem dúvida, um dos elementos centrais das sociedades contemporâneas. Quem poderia pensar na existência hodierna sem os contributos do avanço científico e tecnológico? Nesse sentido, concentramos o nosso estudo na compreensão das implicações da técnica para a sociabilidade, uma vez que, pertencente à estrutura dos estados modernos, ela atua decisivamente na forma de vida dos indivíduos, trazendo consigo aspectos positivos e negativos. Mediante a análise das obras *O Princípio Responsabilidade e Técnica, Medicina e Ética*, do pensador alemão Hans Jonas, podemos identificar um diagnóstico da sociedade atual cujo problema mais significativo é o do impacto do tecnicismo sobre a vida dos seres humanos, pois, se, por um lado, a técnica traz inúmeros benefícios à existência, por outro lado, a sua incorreta e abusiva aplicação, seja no usufruto dos recursos naturais limitados, seja no seu emprego para a manipulação da própria constituição humana, produz sérios danos. É com base nesta ambivalência dos efeitos da técnica que Jonas a destaca como uma forma de poder ameaçador à vida humana e extra-humana e defende a sua integração urgente no debate filosófico da ética contemporânea.

**Título:** **ATMOSFERA: A RESPEITO DE GEORG HAMANN**

**Segmento:** Ética e Estética

**Autor:** MARIA DEIVIANE AGOSTINHO DOS SANTOS

**E-mail:** deiviane.agostinho@gmail.com

**Palavras-Chave:** HAMANN, KIERKEGAARD, ATMOSFERA

Temor e Tremor tem sido um dos livros mais estudados dentro da obra monumental de Søren Kierkegaard, nessa obra uma epígrafe de autoria do filósofo Georg Hamann é utilizada. Essa epígrafe diz respeito tanto ao modo de escrever do próprio Hamann, quanto das questões que são levantadas na obra em questão - Temor e Tremor. Esse trabalho pretende discutir as razões epistemológicas da escolha da epígrafe. Além disso, pretende demonstrar em que medida, Temor e Tremor é uma obra que estabelece duas fases, e que a Atmosfera uma vez tendo sido designada como uma dessas fases é esquecida e menosprezada pela crítica. Por ser um filósofo considerado menor, Hamann acaba perdendo espaço dentro da tradição. Assim, essa epígrafe ajuda em certa medida, no que torna a Atmosfera em Temor e Tremor obscurecida. O estudo da epígrafe é especialmente importante para entender essa fase da obra tão fortemente ignorada pela filosofia em razão de sua dificuldade.

**Título:** **A VONTADE INDIVIDUAL LIVRE COMO FUNDAMENTO DO DIREITO: O SUJEITO JURÍDICO NA "FILOSOFIA DO DIREITO" DE HEGEL**

**Segmento:** Hegel e Filosofia Hegeliana

**Autor:** RODRYGO ROCHA MACEDO

**E-mail:** rodrygorochamacedo@gmail.com

**Co-Autores:** EUDARDO FERREIRA CHAGAS

**Palavras-Chave:** VONTADE, DIREITO ABSTRATO, ESTADO

Tenciona Hegel, quando burila sua última obra *Princípios da filosofia do direito*, definir justamente, como já aponta o título, a gênese das leis sociais. No parágrafo1 do referido volume, o filósofo lança a premissa de que, na ciência filosófica do direito, o seu objeto é a própria ideia do direito como conceito e realização, não como determinação intelectual abstrata que não encontre sedimento na realidade, sob o risco de contingência e superficialidade. Contudo, o parágrafo 4 é elucidador por configurar a carta de intenções para o plano que o pensador possui dos *Princípios*: o domínio do direito é o espírito em geral, cuja base e ponto de partida é a vontade livre, sendo o sistema do direito o império da liberdade realizada. Neste ponto da exposição hegeliana, opera-se, não obstante, uma inflexão, a qual suscita uma questão fincada em terreno movediço, a saber, o da passagem da vontade individual para a vontade social, e como esta vontade social redundando na consolidação do Estado. Põe-se a questão: como a vontade de um "eu" transforma-se na vontade de um "nós"? Como essa vontade conjunta se tornará o fundamento do aparelho estatal, instância em que o indivíduo não pode exercer tudo que se apresenta no horizonte dos seus desejos?

**Título:** **BENJAMIN COMO CRÍTICO DO CONCEITO DE PROGRESSO**

**Segmento:** Ética e Filosofia Social e Política

**Autor:** ROCHELLE DE SOUSA GUIMARÃES

**E-mail:** rochelleguim1@gmail.com

**Palavras-Chave:** CRÍTICA DO PROGRESSO, MATERIALISMO HISTÓRICO, TRADIÇÃO DOS OPRIMIDOS

Acreditar que a sociedade, inevitavelmente, evolui, progride para a paz, a democracia e a liberdade do homem é fechar os olhos para a verdadeira norma da história que, ao contrário da aparentemente sedutora noção de progresso, é a própria opressão e barbárie dos vencedores. Assim, a luta contra o fascismo, defende Walter Benjamin, só se tornará efetiva quando qualquer ilusão de progresso não conseguir mais se sustentar. Esta pesquisa se propôs a analisar a crítica do progresso em Benjamin a partir de uma leitura das teses "Sobre o conceito de história" e o Caderno N das "Passagens". Para tanto, foram contrapostas duas concepções de história. De um lado a doutrina progressista que, acreditando no avanço positivo do curso do mundo, vê resignada, e até com serenidade, os rumos da história. Do outro, a tradição dos oprimidos que, inconformada com o amontoado de escombros que não cessa de crescer, enxerga que a verdadeira norma da história é a da tirania e a da violência dos vencedores. É justamente esse espírito conformista, alimentado pela crença da ideologia progressista, que Benjamin contesta e que buscamos observar neste trabalho. Para o autor das teses, deve ser recusada qualquer atitude pacífica e, portanto, acrítica diante da dinâmica da história, tendo em vista que nada é automático ou obedece a uma evolução natural nesse movimento.

**Título:** **CONHECIMENTO E HISTORICIDADE: UMA PERSPECTIVA CLÁSSICA, TRANSCENDENTAL E DIALÉTICA.**

**Segmento:** Ética e Filosofia Social e Política

**Autor:** LUIZA SANTOS FERREIRA

**E-mail:** luizaferreira.m12@hotmail.com

**Palavras-Chave:** CONHECIMENTO, HISTORICIDADE, RELAÇÃO

A preocupação com o conhecimento em relação ao homem enquanto *psique* surge por meio de Sócrates (469-399 a.C), através de sua proposta de filosofia antropológica e se estende até a contemporaneidade. Entender como se dá o processo dos conteúdos do pensamento humano, suas influências e implicações tornou-se, um dos objetos e objetivos da filosofia em sentido generalíssimos. No fluxo da história, engendram-se diversas correntes filosóficas que tratam de modo exclusivo o conhecimento e tentam solucionar a problematização: onde está a essência e o princípio do conhecimento? Buscando contribuir na articulação das ideias dentro da Teoria do Conhecimento, o presente artigo visa argumentar, bem, como expor o modo de apreensão do conhecimento dentro da filosofia clássica, filosofia transcendental e no âmbito dialético. Para tanto, utilizamos os

conceitos de Aristóteles (384-322 a.C) e Immanuel Kant (1726-1804) para auxílio na compreensão e exposição do trabalho, porém, partimos da análise da obra, *Tópicos sobre Dialética*, texto publicado em 1996 e escrito pelo filósofo Manfredo de Araújo de Oliveira, (doutor em filosofia pela Universität München Ludwig Maximilian (1971), atualmente professor titular da Universidade Federal do Ceará (UFC)). O filósofo discorre, e é enfático em seus escritos, no que concernem os assuntos referentes ao campo da teoria do conhecimento, ética e assuntos relacionados. Atuando principalmente nos temas da filosofia transcendental, reflexão e subjetividade, fazendo assim o liame com objeto de estudo deste trabalho: o conhecimento e suas variações subjetivas e objetivas. Bem como a sua importância na construção do homem mediante a realidade, as suas diferentes abordagens do e o movimento do conhecer humano. Feito isto, também procuraremos expor os paradoxos em relação ao conhecimento de modo coerente e explicativo.

**Título:** **CONSCIÊNCIA REIFICADA E ESQUIZOFRENIA: UMA RELAÇÃO DE BASE DIALÉTICA**

**Segmento:** Ética e Filosofia Social e Política

**Autor:** FABIANO JOSÉ ARAÚJO DOS SANTOS

**E-mail:** fabiano\_santos13@yahoo.com.br

**Palavras-Chave:** DIALÉTICA, CONSCIÊNCIA, ESQUIZOFRENIA

Inicialmente pensada por Lukács em sua clássica *História e consciência de classe* como elemento de sua crítica da economia política em seu aspecto mais grosseiro, o da rotina do trabalho alienado, a teoria da consciência antidialética (reificada) vai se desenvolver com Joseph Gabel a partir do aporte de elementos psicanalíticos que a permitirão abranger uma série maior de fenômenos que os anteriormente pensados por Lukács. O elemento comum desses fenômenos tão diversos (que vão desde a consciência racista, por exemplo, à consciência antidialética de tipo clínico, a esquizofrenia), no entanto, Gabel propõe como sendo a própria noção particular de dialética pensada por Lukács em sua *HCC*. Por sua vez, atento a esse desenvolvimento, Guy Debord acabará por encontrar nela um dos elementos fundamentais de sua crítica da sociedade capitalista superdesenvolvida; precisamente o que lhe permite definir como "espetáculo" ao mundo criado e mantido à imagem da mercadoria por essa consciência historicamente fabricada, mantida e reforçada.

**Título:** **CONSIDERAÇÕES SOBRE A ÉTICA DE KANT**

**Segmento:** Ética e Estética

**Autor:** JÉSSICA NUNES CHAVES

**E-mail:** ja.jeje@hotmail.com

**Palavras-Chave:** ÉTICA, METAFÍSICA, COSTUME.

A filosofia de Kant é baseada na capacidade do homem de agir racionalmente. Para construir sua teoria moral, Kant parte do princípio da universalização do agir. O objetivo desse artigo é fazer considerações acerca da Ética de Kant baseada principalmente no livro 'Fundamentação da Metafísica dos Costumes'. O primeiro ponto abordado por Kant em sua 'Fundamentação da Metafísica dos Costumes' é justamente o que serviu de pressuposto para toda a construção do seu pensamento: a divisão da filosofia em Filosofia Natural e Filosofia Moral. Primeiramente explica a diferença entre a razão pura prática e a teórica. Desenvolvendo os conceitos de dever, vontade, e boa-vontade, e por último com a explicitação do imperativo categórico e a universalização do agir, que são as categorias principais que regem a ética do dever-ser de Kant. Kant se baseava na razão pura e na universalidade do agir, assim o homem deve agir bem para que alcance a felicidade. Kant dizia, que se as leis forem obedecidas os homens serão justos, éticos, e conseqüentemente felizes.

**Título:** **DA CONTINGÊNCIA À NECESSIDADE DOS FATOS: UMA CONSIDERAÇÃO LÓGICO-MODAL SOBRE UMA QUESTÃO FILOSÓFICO-HISTÓRICA**

**Segmento:** Hegel e Filosofia Hegeliana

**Autor:** EDER NOGUEIRA BEZERRA

**E-mail:** nobezheim@gmail.com

**Palavras-Chave:** HEGEL, FILOSOFIA DA HISTÓRIA, LÓGICA MODAL

A questão da contingência dos fatos históricos empiricamente constatados foi um tema relevante no pensamento iluminista de autores como Voltaire e Kant, onde as questões da liberdade e do progresso se colocavam. Para resolverem-na, ambos apelavam para uma concepção de natureza universalmente válida, onde encontravam respostas para a contingência histórica na não história. O objetivo da presente comunicação foi expor a transição da contingência à necessidade na filosofia hegeliana da história em estreita articulação com considerações de ordem lógico-modal e, assim, explicar a facticidade histórica por si mesma quando filosoficamente compreendida. Para isso o trabalho teve como método de investigação a articulação conceitual

dos tipos de abordagem da história, parte da introdução da *Filosofia da História*, com os §§ 144-147 da *Pequena Lógica*. Como principais resultados obtiveram-se: 1) primeiramente, que os acontecimentos ocorrem sob a modalidade da contingência, de modo que igualmente poderiam ser ou não ser, pois possuem sua razão de ser em outro. Os fatos sob essa perspectiva se apresentam ao *historiador originário* como objetos de mero registro, num processo no qual o único esforço cabe à memória, a qual se deve creditar a fixação, no reino da representação, do acontecido empírico e pontual. 2) Posteriormente a contingência converteu-se em condição e em possibilidade real uma vez que, passando do mero registro representativo à reflexão, as narrativas do *historiador reflexivo* explicitam nexos de concatenação entre os contingentes. Assim, por meio do conceito de condição, tivemos a articulação de uma multiplicidade de contingentes para a efetivação de um acontecimento, sendo precisamente tal pluralidade que tornou o novo fato realmente possível. 3) Finalmente teve-se a emergência da necessidade que, desenvolvendo-se a partir da contingência e da possibilidade real, configurou-se como o que é mediado pela mediação mesma. Tal autonomia da mediação lógico-histórica, acessível apenas à *história filosófica*, atesta a necessidade da efetivação de um fato diante da ocorrência de todo o seu círculo de pressuposições. Diante de tudo isso se pôde concluir que a dimensão modal presente na filosofia especulativa da história, pressupõe uma apreensão do material histórico previamente preparado pelos historiadores em suas diversas especificidades. Assim, longe de cair num necessitarismo e apriorismo, a leitura hegeliana do vir-a-ser histórico se caracteriza pela ênfase na compreensibilidade e na concretude, esforçando-se para explicitar a racionalidade presente na história explicando-a por si mesma quando compreendida especulativamente.

**Título:** DA TEORICA DOS AFECTOS NA ETHICA DE BENEDICTUS DE SPINOZA

**Segmento:** Ética Fundamental

**Autor:** HENRIQUE LIMA DA SILVA

**E-mail:** henrique\_limasilva@hotmail.com

**Palavras-Chave:** SPINOZA, ETHICA, AFECTOS

A teoria dos afectos encontra-se na obra maior de Spinoza mais precisamente na terceira parte da mesma. Onde, será demonstrado à ordem geométrica o seu parecer acerca dos afectos. Tal assunto representa um dos pontos basilares para se compreender os paradigmas filosóficos, sobretudo, no espinozismo, como por exemplo, as questões relativas ao bem e mal que serão discutidas por Spinoza no decorrer de seu texto. Portanto, teremos como base uma das obras de mais renome do autor, a *Ethica Ordine geometrico* demonstrata. Logo de início, da terceira parte da *Ethica* temos as definições que se sucedem, e assim nos serviram como base para nossa exposição: a causa adequada como sendo a causa no qual podemos conhecer o efeito nela mesma e a causa inadequada como aquela causa onde o conhecimento do efeito encontra-se exterior a ela, e, com efeito, não havendo o conhecimento adequado da mesma. E ainda a definição da potência de agir entendida como uma variação da causa adequada (quando somo ativos) e inadequada (passivos). E, por conseguinte, a definição de afectos, que Spinoza nos diz, que é as afecções do corpo onde temos uma variação do nosso conatus (potência de agir) que pode ser estimulada ou refreada de acordo com os nossos encontros com os outros corpos que irão resultar em dois afetos principais do spinozismo que são os de alegria e de tristeza. Portanto, é sobre tais pressupostos que a presente comunicação tem como finalidade expor a teoria acerca dos afectos do filósofo holandesa Benedictus de Spinoza (1632-1677).

**Título:** DELEUZE E A DIFERENÇA HEGELIANA COMO AFIRMAÇÃO DA IDENTIDADE

**Segmento:** Hegel e Filosofia Hegeliana

**Autor:** CRISTIANE MARIA MARINHO

**E-mail:** c-marinho2004@ig.com.br

**Palavras-Chave:** DELEUZE, HEGEL, DIFERENÇA

A presente comunicação tem por objetivo mostrar, a partir do livro *Diferença e Repetição* de Gilles Deleuze, como Hegel determina a diferença pela oposição dos extremos ou dos contrários, mas fazendo com que esta oposição permaneça abstrata e indo até ao infinito. Este infinito, por sua vez, permanece abstrato se for retirado das oposições finitas. Dessa forma, o infinito hegeliano põe a identidade dos contrários ou faz do contrário do Outro um contrário de Si. No infinito, a contrariedade possibilita a relação entre o movimento da interioridade e da exterioridade, em que cada contrário expulsa seu outro e se torna o outro que ele expulsa. Segundo Deleuze, neste infinito hegeliano a representação infinita não torna o pensamento da diferença independente das categorias representacionais e as fórmulas hegelianas que afirmam: "a coisa nega o que ela não é" ou "se distingue de tudo o que ela não é" são monstros lógicos a serviço da identidade. A afirmação hegeliana de que a diferença enquanto negatividade vai ou deve ir até a contradição, impelida até o extremo, só é verdade na medida em que seja a identidade que empurre a diferença. Ou seja, a diferença só existe como fundo para a manifestação do idêntico. Para Deleuze, o círculo de Hegel é a circulação infinita do idêntico através da negatividade.

**Título: EDUCAÇÃO NA FILOSOFIA DO DIREITO DE HEGEL****Segmento:** Hegel e Filosofia Hegeliana**Autor:** GELCIANO LINO SILVA**E-mail:** gelcianolino110@gmail.com**Palavras-Chave:** MATRIMÔNIO, PATRIMÔNIO DA FAMÍLIA, EDUCAÇÃO DOS FILHOS

Este artigo traz uma reflexão do pensamento de Georg Wilhelm Friedrich Hegel especificamente na sua obra a Filosofia do Direito, publicada em 1821. O texto tem como objetivo abordar a questão da família que faz parte da eticidade da obra citada, que é composto pelo matrimônio, patrimônio da família e pela educação dos filhos. Para atingir tal objetivo, realizamos uma investigação bibliográfica, tendo como fonte a obra supracitada. Em Hegel a eticidade é a idéia de liberdade, ou melhor, é o domínio que o homem tem nas instituições, das regras, das normas, dos valores, mas este domínio se inicia na família, que segundo Hegel é uma instituição ética ao lado da Sociedade Civil e do Estado. Essa instituição ética se inicia com o matrimônio que é a relação de dois indivíduos que não necessita propriamente de contrato diante da sociedade, e se unem com o intuito de formar a "família". Com o estabelecimento do matrimônio se inicia a constituição dos patrimônios que servirá também como meio para a educação dos filhos que logo deverão partir para a Sociedade Civil e assim formar suas próprias famílias, iniciando novamente o ciclo da tríade da família: o matrimônio, o patrimônio e a educação dos filhos.

**Título: ESTÉTICA NO PENSAMENTO DE HEIDEGGER****Segmento:** Ética e Estética**Autor:** ANA CARLA DE ABREU SIQUEIRA**E-mail:** carladeabreus@gmail.com**Palavras-Chave:** ESTÉTICA, CRÍTICA, OBRA

Em "A Origem da Obra de Arte", Martin Heidegger não pretende criar normas de apreciação e estetizar a existência, nem expor uma nova teoria sobre o que é a arte, mas busca experimentá-la. Desse modo, Heidegger se desprende da estética moderna e de conceitos consagrados na tradição filosófica. À luz da primeira parte do livro, intitulada "A coisa e a obra", o objetivo deste trabalho é fazer algumas considerações sobre a ruptura feita pelo filósofo alemão com temas da estética. Será interpretada a crítica à relação sujeito-objeto, à arte como representação e ao termo origem, que difere do termo aristotélico de causa. Para isso, é preciso ainda fazer uma análise do esquema conceitual matéria-forma, até então vigente e considerações acerca dos conceitos de coisa, mundo e utensílio, em contraposição aos apresentados em "Ser e Tempo". A abordagem heideggeriana desses níveis revê uma tradição na qual o homem está diante das coisas e do mundo e que influencia todo o modo humano de lidar com a arte.

**Título: FOUCAULT E AUFKLÄRUNG DO PENSAMENTO MODERNO.****Segmento:** Ética e Estética**Autor:** RAQUEL RODRIGUES ROCHA**E-mail:** raquelrocharodrigues9@gmail.com**Palavras-Chave:** AUFKLÄRUNG, MODERNIDADE, ONTOLOGIA

O encontro de Foucault com a modernidade acontece com a leitura dos textos de Kant, principalmente com a leitura do pequeno opúsculo escrito por Kant, intitulado "Was ist Aufklärung?". Kant provoca em Foucault um novo olhar acerca da modernidade. O filósofo passou a compreender a modernidade em sua relação com a história, como uma atitude de questionamento do presente em que se vive. Esse questionar do tempo em que se vive, despertou em Foucault o interesse em elaborar uma ontologia da atualidade. Considerando a modernidade a partir da questão da Aufklärung, foi possível identificar duas relações feitas por Foucault acerca da modernidade. Primeiro: a relação entre razão e história; segundo: a relação entre a modernidade e a possibilidade de questionar o momento presente. É principalmente nessa segunda relação que Foucault encontra o caminho no qual é possível elaborar uma ontologia da atualidade. A intenção de Foucault foi, a priori, mostrar como a questão kantiana possibilita à filosofia pensar uma nova relação que vai além de uma proposição moral, tornando-se uma relação entre a filosofia e a atualidade. Foucault direcionou a questão kantiana para uma análise do sujeito, analisando o que o homem faz de seu momento presente no sentido do que é relevante para sua constituição enquanto sujeito racional e sua postura diante da sociedade. Sua proposta ontológica surge para poder entender justamente essas novas relações provocadas pelo esclarecimento. De acordo com o próprio autor, o esclarecimento é: "o esboço do que se poderia chamar de atitude de modernidade". Ao mergulhar na modernidade deparando-se com as questões inerentes à formação do sujeito e à sua relação com a atualidade em que vive, Foucault mudou seu método investigativo, passando da arqueologia para uma genealogia. A genealogia surge como um método mais eficaz de compreensão das

problemáticas identificadas na modernidade a partir da questão kantiana sobre a Aufklärung e para elaboração de sua ontologia da atualidade.

**Título:** HANNAH ARENDT E A DESMONTAGEM DA METAFÍSICA

**Segmento:** Ética e Estética

**Autor:** LUCAS BARRETO DIAS

**E-mail:** nog\_lbd@hotmail.com

**Palavras-Chave:** APARÊNCIA, VERDADE, SENTIDO

Esta pesquisa tem como intenção compreender como Hannah Arendt empreende sua perspectiva de valor da superfície. Os meios pelos quais a perspectiva arendtiana se imiscui em tal questão tem influência naqueles filósofos que de algum modo buscaram pensar a filosofia não metafisicamente, daí a proeminência de Nietzsche - com sua abolição dos dois mundo - e de Heidegger - com os caminhos florestais - que se entrelaçam na perspectiva de uma desmontagem da metafísica. Frente à tradição metafísica, Arendt levanta a tese de uma coincidência entre Ser e Aparência, donde esta última não é mais compreendida como o sinônimo de falsidade, isto é, a verdade não se encontra velada pela aparência, mas há uma relação intrínseca entre verdade e aparência. Com isso, Arendt - sendo aqui influenciada por Kant - chama atenção pro fato de que os pensadores profissionais confundiram verdade com sentido, de modo que o objeto da cognição foi confundido com o objeto da razão, caindo no que Arendt chama de falácias metafísicas.

**Título:** HEGEL, KANT, A AUTORIDADE E A FAMÍLIA SEGUNDO HERBERT MARCUSE.

**Segmento:** Hegel e Filosofia Hegeliana

**Autor:** ALINE RIBEIRO MENDES

**E-mail:** alinetrix@hotmail.com

**Palavras-Chave:** AUTORIDADE, SOCIEDADE BURGUESA, FAMÍLIA

Em seu estudo sobre a autoridade burguesa e a sua afirmação social, Marcuse trabalha essas questões em Hegel e na forma como o filósofo encara a sociedade burguesa, que é semelhante a visão de Kant: como ordem universal de coação para a garantia da propriedade de proprietários privados. Porém, Marcuse especifica a diferença entre os filósofos, justamente no fato de que em Hegel há uma mudança no quadro estático da sociedade de Kant, que em Hegel entra em movimento com a eclosão do caráter revolucionário dialético na dimensão da sociedade burguesa. Este trabalho tem como objetivo diferenciar a análise de Marcuse sobre a autoridade em Kant e em Hegel em seu ensaio *Sobre a Autoridade e a Família*. O método utilizado neste trabalho é uma explicação expositiva que irá responder a questões sobre a autoridade segundo Kant, a autoridade segundo Hegel, a diferença entre estes dois tipos de autoridade e principalmente sobre qual a relação que existe em Hegel entre autoridade burguesa e a família, que, para Hegel, é a raiz do Estado e importante instrumento para a perpetuação da autoridade com a sua servidão em relação a ele, na qual acredita e sustenta.

**Título:** HOMEM E REALIDADE, DIALÉTICA DE CONHECIMENTO E CONSTRUÇÃO

**Segmento:** Hegel e Filosofia Hegeliana

**Autor:** ISAIAS MENDES BARBOSA

**E-mail:** isaiaudemontier@hotmail.com

**Palavras-Chave:** DIALÉTICA, HOMEM, REALIDADE

O presente artigo trata da relação entre o homem e o mundo, entendendo este como realidade transformada, que num processo de interrelação mútua, constrói o ser próprio do homem. O processo do conhecimento é o ponto necessário para o seu agir no mundo, mediar-se, a fim de transcender-se, totalizar-se. Porém, a forma como o homem se constrói faz parte de um processo *dialético* sob o viés estrutural filosófico hegeliano. A metodologia utilizada é de análise do capítulo *Conhecimento e historicidade* da obra *Tópicos sobre Dialética*, do professor doutor Manfredo Araújo de Oliveira, adjunto de textos complementares. Neste artigo pretende-se esboçar a) a diferença entre a forma dialética, da forma da filosofia clássica (Lógica) e da forma da filosofia moderna (transcendental) de trabalhar o conhecimento e a construção do homem, na perspectiva de Manfredo, numa modalidade hegeliana. A questão exposta é um direcionamento para compreensão da dialética filosófica, de caráter hegeliano, acerca do conhecimento e do processo de construção do homem na realidade em que ele está por se totalizar-se.

**Título:** **IRONIA E SUSPENSÃO TELEOLÓGICA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES ACERCA DO CAMINHAR ÉTICO EM KIERKEGAARD.**

**Segmento:** Ética e Estética

**Autor:** SIMONE TEIXEIRA BERNARDO

**E-mail:** simonetbernardo@yahoo.com.br

**Palavras-Chave:** IRONIA, ÉTICA, KIERKEGAARD

O objetivo central de nosso trabalho é investigar como a negatividade irônica se apresenta na filosofia kierkegaardiana, como o ponto de partida para a validação de uma vida ética. A abordagem, que por nós será apresentada, da negatividade por meio da eticidade, está ancorada em três pontos fundamentais: primeiro, na compreensão das três esferas existenciais, a esfera estética, a esfera ética e a esfera religiosa, referentes às possibilidades de existência do homem; segundo, na distinção entre negatividade irônica e negatividade do humor, sob a qual reside o fundamento de outra distinção, de similar importância, apresentada por Kierkegaard, a diferença entre o homem comum (Individ) e o indivíduo mais elevado (den Enkelte); e terceiro, na apreensão da suspensão teleológica, na qual estão contidos o movimento do infinito e o movimento da fé. A partir desta tríade basilar buscaremos pensar a relação entre a negatividade do sujeito irônico e a negatividade contida na ação daquele homem que, por meio da suspensão teleológica, inicia o movimento da fé, buscando tornar claras as similaridades entre ambos os movimentos. Teremos como base duas obras do referido filósofo: O conceito de ironia e Temor e tremor.

**Título:** **JEAN-PAUL SARTRE: A IMPORTÂNCIA DA DISTÂNCIA EM ALBERT GIACOMETTI**

**Segmento:** Ética e Estética

**Autor:** MARIA THAIS DA SILVA DA CRUZ

**E-mail:** izinha-16@hotmail.com

**Palavras-Chave:** DISTÂNCIA, GIACOMETTI, SARTRE

Jean-Paul Sartre (1905-1980) filósofo existencialista do século 20, estabeleceu uma amizade (1939) com o escultor suíço Albert Giacometti (1901-1966), que foi rompida com a publicação de "*As Palavras*" (1943) de Sartre. No período de amizade entre eles, Sartre escreve *A busca do Absoluto* para um catálogo de apresentação da exposição Albert Giacometti, em Nova Iorque na Pierre Matisse Gallery e que simultaneamente o publica em *Les Temps Moderns*, na França. Portanto, refletindo a cerca do texto supra mencionado, busca-se desenvolver o argumento em que o escritor valoriza a importância da distância para o artista, ao esculpir o homem. As esculturas de Giacometti, por sua vez não têm uma representação formal idêntica ao ser humano e nem um acabamento polido e se diferencia da forma de arte e de fazer arte dos outros artistas da sua época. Portanto, nessa comunicação responderemos qual o argumento sartriano para a importância que Giacometti dar a distância ao construir suas esculturas? Para isso faz-se necessário a compreensão do conceito de *outro* do filósofo e por fim veremos que Sartre esclarece que as esculturas de Giacometti são ideias singulares, indeterminada, resulta da experiência situada, da distância cerimonial, entre o escultor e os outros indivíduos.

**Título:** **JEREMY BENTHAM E O UTILITARISMO**

**Segmento:** Ética e Filosofia Social e Política

**Autor:** GLEYCIANE MACHADO LOBO OLIVEIRA

**E-mail:** gleyciane.lobo@hotmail.com

**Palavras-Chave:** UTILITARISMO, ÉTICA, FELICIDADE

O utilitarismo preocupa-se em medir as ações do governo e do indivíduo. A reflexão filosófica de Jeremy Bentham (1748- 1832) preocupou-se com o sistema de jurisprudência, com o direito penal e civil. É preciso obedecer ao governo, não cegamente ou sem retorno, mas sim por que ao fazê-lo trás vantagens para o cidadão e para a comunidade. Assim, faz-se necessário buscar um fundamento que saia do mundo ficcional da teoria do direito natural para um mundo real, para um mundo de fatos. A aplicação de um princípio que se mostra útil não deve ser realizado apenas pelas leis que regem uma comunidade. Como este favorece o prazer e a alegria, deve também guiar as ações individuais, visto que todos procuram a maior felicidade possível. O princípio que indica o caminho do útil e da felicidade, não só do cidadão, mas também da comunidade, Bentham o chama de princípio da utilidade. Por ser fundamento da conduta humana, tal princípio aponta uma ética. Logo, a ética proposta é uma ética utilitária.

**Título:** JUSTIÇA E ÉTICA FUNDAMENTAL: UMA ANÁLISE EM FACE À MODERNIDADE

**Segmento:** Ética Fundamental

**Autor:** ANDRÉA CRISTINA BENIGNO DANTAS

**E-mail:** andreacbdantas@gmail.com

**Co-Autores:** ANDRÉA CRISTINA BENIGNO DANTAS

**Palavras-Chave:** JUSTIÇA, ÉTICA, TOMÁS DE AQUINO

Na presente comunicação trataremos da Justiça, que consiste numa das quatro virtudes cardeais definidas por Tomás de Aquino, na qual apresentaremos as bases de sua atuação e os desafios por ela enfrentados em face à Modernidade. A Filosofia é uma das Ciências mais antigas e complexas, que sempre trouxe em suas bases, preocupações com os mais variados temas, os quais se confrontam com vários campos do Saber, como ressaltaremos nesta comunicação. A Justiça possui, no pensamento de Tomás de Aquino (1224-1275) relação direta com o Direito, pois a Justiça consiste em retribuir a cada sujeito o que lhe é devido. Tomás de Aquino é um autor medieval e seu pensamento aparece refletido nos mais variados períodos históricos, principalmente no que se refere à Ética Fundamental, a qual na tentativa de estudar e considerar o ethos, tenta encontrar meios de sobressair-se diante dos desafios da Modernidade, pois ao longo do processo histórico em que temos vivido, podemos notar que há uma necessidade do indivíduo social agir de forma plenamente correta, ética e justa. Daí a importância da Justiça ser uma virtude presente na vida social e individual. A Filosofia e, sobretudo a Ética de modo geral não podem prescindir o pensamento tomista, principalmente no tocante ao estudo da Ética, pois Tomás desenvolveu o Tratado das Virtudes na tentativa tanto de fundamentá-las, como de analisar a finalidade do homem em relação ao desenvolvimento de suas ações, portanto, a Justiça nessa análise possui a tentativa de regular as ações humanas, faz-se responsável por orientar e retificar essas ações, sendo compreendida por Aquino em posição primordial, pois a mesma é fundamental na vida em sociedade situando e governando as ações a serem realizadas ou evitadas, os homens devem primeiramente agir e pensar em si e no outro, porque o homem, desde o pensamento aristotélico, é compreendido como um ser social que se humaniza à medida em que está em contato com outros homens. Dessa forma, herdando e aprofundando o pensamento aristotélico, ressaltamos que não podemos prescindir do pensamento de Tomás de Aquino e de sua compreensão acerca da Justiça no meio acadêmico, portanto, a presente comunicação possui como objetivo principal expor o pensamento tomista, apresentando os resultados parciais aos quais temos dedicado todo empenho em nossa pesquisa de Mestrado.

**Título:** KANT, ERIC WEIL E UMA FILOSOFIA MORAL

**Segmento:** Ética e Estética

**Autor:** KEYWILLA DA SILVA VENCESLAU

**E-mail:** keywillavenceslau@gmail.com

**Palavras-Chave:** MORAL, ÉTICA, FELICIDADE

Durante toda a história da Filosofia, vários pensadores desenvolveram inúmeros trabalhos em relação a Moral, neste contexto dois filósofos podem ser destacados por terem grande relevância no que se refere a essa temática, o primeiro é o alemão Emanuel Kant, o qual teve sua moral muitas vezes chamada de independente, esta que baseia-se na não idéia de bem, e na não idéia de felicidade individual, pois o não descartar dessas poderia interferir na apuração das leis morais que devem ser universais, motivo pelo qual ela precisa ser concebida independente da experiência, a partir de conhecimento a priori. Então Kant, suspende o uso da sensibilidade na obtenção do conhecimento moral, para a construção de uma teoria que possa ser racionalmente universal, que deve ter por fim o próprio agir, que será característico da razão humana. O outro é o Francês Eric Weil, segundo o qual é necessário refletir sobre a filosofia moral, como sendo um pensamento particular, onde o indivíduo precisa educar-se no que se refere às paixões para o exercício da cidadania. Portanto, a partir do estudo de algumas obras destes, e da leitura de alguns comentadores, pude observar e chegar às conclusões anteriormente citadas. Assim, temos o objetivo de expor o pensamento dos autores e compará-los buscando proximidades e distanciamentos.



**Título:** **LIMITES ENTRE: ESTADO E LIBERDADE NA FILOSOFIA DE HEGEL**

**Segmento:** Ética e Filosofia Social e Política

**Autor:** ANTONIO ROBERTO DE CASTRO FILHO

**E-mail:** robert.f.castro@hotmail.com

**Co-Autores:** ANTONIO ROBERTO DE CASTRO FILHO

**Palavras-Chave:** ESTADO, LIBERDADE, CONSTITUIÇÃO

O presente trabalho visa expor o pensamento de Hegel em um ponto crucial para sua filosofia política: a relação necessária entre Estado e Liberdade. Aqui, como em toda sua filosofia, o pensamento hegeliano surpreende pela grandeza e complexidade, o que torna mais incisiva e profícua a compreensão do mundo atual. O Estado é, para o autor alemão, o absoluto, a racionalidade, a morada da liberdade na história. É o único momento do caminhar lógico do Espírito em que se conjugam ordem objetiva (direito) e vontade subjetiva. Procura-se demonstrar como Hegel conjuga o Estado antigo (modelo grego, organicista) com a subjetividade iniciada exteriormente pelo direito romano e concluída teoricamente na modernidade. Procurou-se desmistificar certos mitos acerca do Estado Racional de Hegel, dado por muitos como totalitário e apologista do status quo. Foram delineados os momentos lógicos que compõem sua perspectiva estatal: a família e a sociedade civil. Além disso, procura-se demonstrar os reflexos de sua teoria do Estado nos modelos Constitucionais e Democráticos da contemporaneidade. Para tanto, foi necessário recuperar adequadamente as categorias da filosofia hegeliana: a dialética, a vontade, a ideia e o conceito para entendermos como se processa e se estrutura o Estado na filosofia de Hegel. Por fim, procurou-se ir além (mas usando suas categorias) da concepção hegeliana de Estado para compreender o Estado Democrático de direitos fundamentais como o maximum ético de nossa cultura.

**Título:** **LINGUAGEM E SOBERANIA: A VIGÊNCIA DA PALAVRA E A POTÊNCIA DA LEI. UMA REFLEXÃO ACERCA DA ESTRUTURA DA EXCEÇÃO NO PENSAMENTO BIOPOLÍTICO DE GIORGIO AGAMBEN**

**Segmento:** Ética e Filosofia Social e Política

**Autor:** FRANCISCO BRUNO PEREIRA DIÓGENES

**E-mail:** brunochicobruno@hotmail.com

**Palavras-Chave:** SOBERANIA, LINGUAGEM, EXCEÇÃO

Este trabalho desenvolveu, no horizonte do pensamento biopolítico de Giorgio Agamben, uma reflexão acerca da proximidade entre as esferas da soberania e da linguagem, particularmente, no que diz respeito à estrutura de exceção que caracteriza esses âmbitos. Nesse quadro, em uma pesquisa bibliográfica, olhou-se para dois momentos da obra do autor, pois se a sua teoria crítica da soberania faz parte da obra mais recente, a questão da linguagem insere-se mais fortemente nos seus primeiros livros. Essa última questão, contudo, permeia de forma pontual e paradigmática todo o seu percurso, ressoando até as pesquisas mais recentes sobre o biopoder, o que faz chamar a atenção de importância e abre a possibilidade de desenvolvimento no sentido que aqui se fará, algo que se considera próprio da orientação metodológica encetada pelo autor. Pois que as palavras, que existem vigendo sem necessariamente ainda significar, o fazem do mesmo modo em que as leis atuam normalizando a realidade, mesmo quando não aplicadas efetivamente, ou seja, após sua transgressão. Essa estrutura marca, fundamentalmente, para os dois âmbitos, a condição histórica da sua realização efetiva. Nesse interim, portanto, a ideia inicial da reflexão aqui tentada constrói-se a partir do reconhecimento de que os distintos campos da linguagem e da soberania se fundam sob um pressuposto comum, o qual expressa uma forma de relação fundamental, historicamente determinante a todas as esferas do agir humano, precisamente, a relação de exceção. Por conseguinte, nesse sentido, compreendendo que a política - âmbito fundamental dessa práxis - passa, segundo o autor, em nosso tempo, por um eclipse duradouro, postula-se, com Agamben, que seja na experiência do rompimento daquela mesma relação - se talvez não na esfera da linguagem, ao menos na da soberania - a tarefa de uma filosofia política (bem como de uma política) à altura do tempo presente.

**Título:** **LÓGICA E METAFÍSICA DOS "PRINCÍPIOS DA FILOSOFIA DO DIREITO" HEGEL E SUA INFLUÊNCIA PARA O PENSAMENTO CONTEMPORÂNEO**

**Segmento:** Hegel e Filosofia Hegeliana

**Autor:** ZENEIDE NUNES BEZERRA

**E-mail:** zeneidenunesbezerra@hotmail.com

**Palavras-Chave:** LÓGICA, METAFÍSICA, DIREITO

Hegel é o filósofo do real racionalizado, seu pensamento sistemático é a construção da ideia no mundo, da ideia que se revela como "intuição intelectual" do real na unidade da forma e do conteúdo. A verdade é o concreto

apreendido pelo ideal e exprime a relação sujeito e objeto como momento da síntese que faz manifestar-se no mundo. Daí a célebre afirmação hegeliana na Filosofia do Direito " O que é racional é real e o que é real é racional", pois para Hegel, o objeto é, "em si mesmo, racional... a única tarefa da ciência é trazer à consciência esse trabalho próprio da razão imanente ao objeto". Além da "identidade" como característica da Filosofia de Hegel, a Dialética é o momento implícito ao movimento que manifesta a verdade, ou seja, é o processo pelo qual a existência é posta. O processo dialético segue três fases distintas que se unificam no final, a saber: a tese, a antítese e a síntese. São etapas que convergem para a totalidade do pensamento hegeliano porque o pensar para Hegel não se coloca como efetivação distanciadora do Ser, mas iguala-se a ele. Lógica e Metafísica constituem-se na coincidência.

**Título:** **MARCUSE E A DIALÉTICA: ALTERNATIVAS DA NEGAÇÃO ÀS CONTRADIÇÕES ESTABELECIDAS**

**Segmento:** Ética e Filosofia Social e Política

**Autor:** TAMIRES SILVA PINHEIRO

**E-mail:** sp-tamires@hotmail.com

**Palavras-Chave:** DIALÉTICA, LIBERDADE, MARCUSE

Pensar é negar; este é o princípio ao qual partimos na "companhia" de Hegel e Marcuse para compreender os aspectos racionais de potencialidade humana com relação ao processo de efetivação na realidade por meio da dialética - negação da negação. O empobrecimento mental, que é ameaça ao pensar, está na aceitação das contradições não-resolvidas presentes no senso comum como sacras, imóveis e imunes quanto ao pensamento dialético. A contingência é estabelecida como necessidade, e perde-se a necessidade da razão histórico, contudo, a negação vem em função da superação da inadequação e projeção do que deve ser, atrelado a realidade concreta. Toda essa estrutura de manutenção do status quo, portanto, das formas estabelecidas do discurso, si dá na aceitação das teorias na situação atual, que consistem na justificação do mundo pensado e de auto-produção do homem não como formado de contradições categoriais a serem superadas, mas na total alienação de si e de si com sua atividade. Sem crítica não há evolução. A aparência realizada tornou-se inversão do real ao confundirem opinião com saber e ao aceitarem passivamente as formas estabelecidas. Desta forma, a contradição que separa o homem do homem - não havendo, assim, o outro de si - em que a assunção de uns depende do soterramento de outros ao utilizá-los como instrumentos de trabalho quantitativo e assim perpetuar a contradição efetuada através da lógica do sistema que se fundamenta no capital.

**Título:** **NEGATIVIDADE E ANTROPOLOGIA NO DE LIBERO ARBITRIO DE SANTO AGOSTINHO**

**Segmento:** Ética Fundamental

**Autor:** ÁLVARO LINS MONTEIRO MAIA

**E-mail:** alvarolinsmm@gmail.com

**Palavras-Chave:** CORPO, VONTADE, NEGATIVIDADE

Esta comunicação se debruça sobre a primeira obra em que o tema da liberdade e da existência do mal é tratado com maior fôlego por Santo Agostinho: o "De libero arbitrio", que fornece, sobretudo ao final do segundo livro e ao longo do terceiro livro, material para pensar uma antropologia negativa no que diz respeito à temática da salvação. Parte-se aí da consideração de que, se o homem é uma substância racional composta de corpo e alma, sendo além disso capaz de cometer o mal, como de fato é, então essa capacidade está ou no corpo ou na alma. Determinado o papel próprio da corporeidade no que diz respeito à metafísica do mal, no pensamento agostiniano, e a origem da má ação na vontade racional da alma, discute-se a necessidade ou contingência dessa má ação. Por fim, busca-se compreender de modo mais amplo, no horizonte da negatividade no que diz respeito ao humano, o que seja o agir mal no pensamento antropológico de Santo Agostinho.

**Título:** **O ANIMAL-MÁQUINA CARTESIANO MEDIADO PELA ANATOMIA E O MECANICISMO DO MUNDO**

**Segmento:** Ética Fundamental

**Autor:** ÍTALO MOURA GUILHERME

**E-mail:** italo\_mg@hotmail.com

**Palavras-Chave:** DESCARTES, ANIMAL-MAQUINA, MECANICISMO

Entendemos que a antropologia cartesiana deve ser percorrida inicialmente pela concepção de animal-máquina. Isso é acatado tanto pelo percurso biográfico do autor, como pela sua consideração em tratar o corpo como substância independente da alma e imprimir que é possível conceber um princípio próprio de movimento. Nesse caso, no *Tratado do Homem*, Descartes não considerará a alma como substância necessária para "pilotar o navio". Apesar de uma obra voltada à análise anatômica, é clara a sistematização na ordem de sua filosofia que permeia o mecanicismo ante as leis da natureza. Assim como o mundo, a concepção de máquina em Descartes

é um *sempre-móvel*. Essa mobilidade exige o conhecimento de cada antro a ser descoberto e, portanto, jamais obscuro ao entendimento. Seguramente podemos imaginar em cada palavra escrita o brilho nos olhos de Descartes pelo mundo a sua volta - um mundo galilaico que nas lentes das lunetas não se via o éter aristotélico nos astros. É nesse mundo que o homem concebido por Descartes atua na descoberta de suas leis levando em seus ombros o peso da própria capacidade em erguer cada rocha do verdadeiro mundo ao deixar o antigo desfalecer em ruínas. Aliás, os termos de *verdadeiro mundo* e *antigo mundo* são explícitos em sua obra *O Mundo ou Tratado da Luz*, cujo *Tratado do homem* é capítulo. Portanto, nesse contexto, o homem junto ao mecanicismo do mundo deve desvendar suas leis do mais sutil fenômeno anatômico ao mais vasto cosmo sob o mesmo solo. Como conclusão, serão abordadas considerações sobre a própria máquina e assim entendermos como nela não há necessidade de conceber uma alma vegetativa e sensitiva.

**Título: O CONCEITO DE ANTROPOTÉCNICA COMO PROPOSTA PARA UM PÓS HUMANISMO, SEGUNDO PETER SLOTERDIJK.**

**Segmento:** Ética Fundamental

**Autor:** FRANCISCO JAKSON MEDEIROS DOS SANTOS

**E-mail:** jk.88@hotmail.com

**Palavras-Chave:** HUMANISMO, PÓS MODERNIDADE, ÉTICA

Em "O Desprezo das Massas" e "Regras para o Parque Humano", o filósofo alemão Peter Sloterdijk ressalta as mudanças sofridas desde a idade moderna até hoje e se depara diante da validade de conceitos como democracia e identidade e, até mesmo, diante de uma possível falência do humanismo. O conceito de antropotécnica, desenvolvido por ele, nos permite analisar e realizar conjecturas acerca de uma proposta ética pós-humanista. Se, como nota Sloterdijk, o humanismo não é mais capaz de domesticar o homem contemporâneo, bombardeado cada vez mais intensamente por mídias embrutecedoras, outras antropotécnicas, mais efetivas que o velho humanismo na sua forma de domesticar o homem, deverão substituí-lo em nome de um determinado projeto de humanidade. Massa e humanização apresentam-se hoje como conceitos estreitamente relacionados. Refletir acerca do significado do ser humano hoje e o que ele poderá significar amanhã exige uma maior compreensão dos fenômenos de massa no século que se inicia.

**Título: O CONCEITO DE EMPATIA EM EDITH STEIN**

**Segmento:** Ética Fundamental

**Autor:** MOISÉS ROCHA FARIAS

**E-mail:** moisesdacruz@hotmail.com

**Palavras-Chave:** EMPATIA, PESSOA, EDITH STEIN

No presente artigo apresentaremos o conceito de empatia como parâmetro para o pensar da relação entre os indivíduos numa construção de uma ética empática, para tanto, desenvolveu-se numa leitura analisante a concepção de empatia na obra "Il problema Dell'empatia" de Edith Stein (1891 - 1942). Para a filósofa há uma real possibilidade da empatia tornar o indivíduo em pessoa, numa identidade, reforçando a desconstrução do processo plenificante enquanto ser individual no uso de sua razão e liberdade. O valoramento do particular está para o bem comum, em outras palavras, quanto mais sou livre em minha plenificante ação humanizadora mais gero o bem comum, o bem comunitário. Assim sendo, podemos concluir que Edith Stein nos forneceu uma concepção de uma relação empática entre pessoa-comunidade é essencialmente uma relação de interdependência constitutiva, onde os aspectos ativos e passivos da pessoa e da comunidade são necessários no processo de tornarem-se sujeitos possibilitando uma construção de pessoas plenificantes.

**Título: O CONCEITO DE ILUMINISMO, MENORIDADE E A NECESSIDADE MORAL DA EXISTÊNCIA DE DEUS, SE CONTRAPONDO AO PENSAMENTO EXISTENCIALISTA DO ATEU JEAN PAUL SARTRE.**

**Segmento:** Ética Fundamental

**Autor:** ARLENE BARBOSA FELIX

**E-mail:** felixarlene54@gmail.com

**Palavras-Chave:** ILUMINISMO, MÁ FÉ, DEUS

O Objeto de estudo é o conceito de Iluminismo, menoridade e a necessidade ou não de um Deus de acordo com o pensamento de Immanuel Kant, filósofo alemão, fundador da filosofia crítica e de Jean Paul Sartre um filósofo francês, escritor e crítico, conhecido representante do existencialismo. Esse artigo tem como objetivo expor indagações e pensamentos a respeito dos conceitos de iluminismo, menoridade, existência de Deus em Kant e o existencialismo, má fé, responsabilidade e existência de Deus em Sartre. O método encontrado foi unir

e ao mesmo tempo distanciar os pensamentos dos dois filósofos citados, tentando mostrar ao leitor, se a vida tem ou não um sentido determinado, se as omissões e escolhas são realmente necessárias, se ao invés disso não damos tal liberdade a nós da qual não podemos escapar.

**Título:** **O ENGENHO CRIATIVO BARROCO - ESTÉTICA BARROCA E PROXIMIDADES COM A IMAGINAÇÃO EM SPINOZA**

**Segmento:** Ética e Estética

**Autor:** JAYME MATHIAS NETTO

**E-mail:** jaymemathias@gmail.com

**Palavras-Chave:** IMAGINAÇÃO, ENGENHO BARROCO, SPINOZA

A pesquisa envolve o conceito de imaginação na Ética de Spinoza e suas aproximações da estética barroca. O que caracteriza esse movimento cultural é um diálogo entre a tradição (renascimento e os neo-platônicos) e as inovações artísticas desta época. Nesse sentido rompe-se a concepção de arte como imitação da natureza, visto que o que entra em questão é a criatividade do engenho (*ingenium*), que pode ser considerado o poeta ou o retórico. Esses colocam no texto figuras vivas, produzindo a maravilha e admiração por parte de quem lê, ao entrar em contato com uma relação nova entre os objetos nunca antes vistos. Nesse âmbito, o engenho criativo é o único capaz de criar estas novas relações estabelecidas entre as coisas. A aproximação de Spinoza e da estética barroca se dá por meio do conceito de *ingenium*. Ambos se utilizam desse termo para designar a capacidade de justapor as imagens das coisas por meio da imaginação. Em Spinoza, esse termo não é desenvolvido em nenhuma definição ou axioma específico, muito embora seja de fundamental importância para estudos contemporâneos acerca da imaginação e da linguagem na filosofia do autor. O *ingenium* para Spinoza pode ser descrito como a configuração inerente a um indivíduo interpretante, determinada pelas leis da imaginação, segundo o hábito e a memória particulares, remetendo a um contexto histórico-social de interpretação dos signos. A imaginação, caracterizada como um gênero de conhecimento, tem a linguagem ou o uso dos signos linguísticos enquanto dinâmica interna de sua estrutura. Na descrição de nossa experiência sensível, por parte de Spinoza, está delimitado o âmbito inevitável de imaginarmos e usarmos dos signos linguísticos. E, portanto, de fazermos associações de imagens em nossa mente, as quais remetem a novas justaposições, embora nem sequer estejamos cientes disso. Isto pode tanto nos escravizar diante do real que nos cerca, quanto nos libertar. Temos como hipótese interpretativa o fato de que no âmbito criativo de nossa mente, esteja especificamente uma potencialização da imaginação, que pode ser deduzida pela Parte II da Ética e, portanto, não somente uma passividade em relação aos signos que chegam até nós, mas uma atividade própria da ressignificação criativa destes, a qual está diretamente ligada àquela criatividade do engenho barroco.

**Título:** **O ESTADO HEGELIANO**

**Segmento:** Ética e Filosofia Social e Política

**Autor:** LEILA MORAIS DUARTE

**E-mail:** leilamoraisd@hotmail.com

**Co-Autores:** LEILA MORAIS DUARTE

**Palavras-Chave:** ESTADO, SUBSTANCIALIDADE, LIBERDADE

O Estado, como nos mostra Hegel, surgiu do esforço dos homens para superar o isolamento dos indivíduos e os conflitos existentes na sociedade civil. Como prolongamento desta, representaria a unidade das subjetividades que já teriam superado suas contradições e seus antagonismos. Para Hegel, a Sociedade Política é o lugar onde são articulados os momentos dialéticos do espírito, onde as formas anteriores do viver e do pensar são superadas, ou seja, suprassumidas em favor do bem comum. Hegel vê o Estado como a totalidade de tudo aquilo que caracteriza uma nação, ou seja, a união dos costumes, da cultura, da política, da religião - é tudo que forma a realidade efetiva da ideia ética; seria um todo ético organizado, isto é, a unidade das vontades subjetivas suprassumidas na unidade da vontade universal - a substancialidade por excelência. É a instância onde são mediadas e administradas as contradições e diferenças da sociedade civil, é a união das vontades individuais que formam o querer universal. Segundo o pensamento de Hegel só o indivíduo que vive nessa unidade possui valor, tem vida ética, só ele comunga da substancialidade. Para Hegel, o Estado seria a síntese dos interesses contraditórios individuais, a síntese mais perfeita de superação onde seu único interesse seria o bem da comunidade. O Estado vai sendo formado no caminhar do Espírito na história, isto é, o Espírito, que é a razão, se autodesenvolve na história, e isto nada mais é do que o avanço da liberdade que deverá estar impregnada da experiência da consciência na história. A liberdade é concebida na harmonia do indivíduo com o todo. Para Hegel, o Estado ou a Sociedade Política agrega como primeiro fundamento a liberdade individual que se integra e tem plena realização na liberdade do Estado enquanto garantidor do desenvolvimento de todas as

dimensões das individualidades. O seu papel deve ser proporcionar ao homem a realização plena de todos os aspectos necessários para a efetivação de sua liberdade. É pelo Estado que o homem se reconhece como cidadão, ele perpassa a própria individualidade e encontra seu sentido na universalidade. Portanto, o Estado concebido por Hegel tem como fundamento precípua a liberdade individual, que ao unir-se com as demais liberdades encontram a realização plena na liberdade do Estado. A Sociedade Política é o universal que ultrapassa o particular, ou seja, não é a soma de todos os indivíduos, mas a universalidade concreta, cuja finalidade é a vida de todos e de cada um.

**Título:** **O FUNDAMENTO SUBJETIVO DA RELIGIÃO EM FEUERBACH**

**Segmento:** Ética Fundamental

**Autor:** JOÃO BATISTA MULATO SANTOS

**E-mail:** m.i.n.joao.batista@gmail.com

**Co-Autores:** JOÃO BATISTA MULATO SANTOS

**Palavras-Chave:** RELIGIÃO, DEUSES, HOMEM

A religião é um tema bastante polêmico para a humanidade por se tratar de algo que nos remete à subjetividade, isto é, a fé. Neste sentido o filósofo alemão Ludwig Feuerbach (1804-1872) surge como um dos mais importantes expoentes do tema na Idade Contemporânea. Sua filosofia sempre teve como principal foco a questão religiosa que surgiu em contraposição à filosofia idealista de seu antigo mestre Hegel. No livro utilizado nesta pesquisa *Preleções sobre a Essência da Religião* (1851) o autor faz uma análise subjetiva ou psicológica sobre os principais elementos que possibilitam ao homem a crença em deuses. O método utilizado consiste em uma exposição histórico-filosófica, o qual é usado pelo próprio filósofo, para demonstrar a objetivação dos fundamentos religiosos ao longo da história. A conclusão que se chega sobre a questão exposta coloca o homem e sua relação com a natureza como um dos motivos principais para o surgimento dos deuses.

**Título:** **O LIVRE-ARBITRÍO E OS PRESSUPOSTOS DA LEI TEMPORAL**

**Segmento:** Ética e Filosofia Social e Política

**Autor:** IZAIAS OLIVEIRA DO NASCIMENTO JUNIOR

**E-mail:** izaiasoliveirajunior@hotmail.com

**Co-Autores:** ORIENTADOR: PROF. FRANCISCO VENCESLAU DE OLIVEIRA JALES

**Palavras-Chave:** LEI TEMPORAL, LEI ETERNA, VONTADE LIVRE

O presente trabalho tem como finalidade apresentar o itinerário lógico feito para chegar à lei justa que orienta a vida dos seres humanos, mas para isto será relacionado a origem do pecado com a lei temporal. A obra utilizada para este fim será Livro I do diálogo "O Livre-arbítrio". O pecado em Agostinho não é apenas a simples desobediência a Deus, pois este tem como gênese e natureza a submissão da vontade livre que se torna escravo das paixões, por isso a vontade fica condicionada a escolher apenas aquilo que é objeto de seu mau desejo, não conseguindo ser livre para escolher algo além. Por este motivo torna-se uma má vontade, por trazer ao homem a miséria, a disseminação dos males, ou seja, a infelicidade. A lei temporal é a lei que os homens constroem para que se torne possível a manutenção da cidade humana e a convivência justa entre os homens. Como a lei temporal é uma construção entre os homens fica passível a corrupção da má vontade dos que a legislam. Por este motivo cria-se muitas vezes uma lei injusta que atenta a vida, a liberdade e a virtude geral. E outras palavras, a miséria da infelicidade que era restrito para um, pela lei temporal se arrasta para toda cidade. Porém a lei justa se constitui quando a lei temporal é expressão, mesmo no tempo, da lei eterna. Para isto, é preciso haver boa vontade para se criar uma lei temporal que seja expressão da lei eterna. Acabado estas constatações eis a pergunta de minha pesquisa: por que, como e quando a lei temporal não se constrói na boa vontade?

**Título:** **ORDENS QUE LIMITAM E ORDENS QUE ESCLARECEM: DISCIPLINA E INSTRUÇÃO NA EDUCAÇÃO KANTIANA**

**Segmento:** Ética Fundamental

**Autor:** BRENA KÁTIA XAVIER DA SILVA

**E-mail:** angiss.bk7@gmail.com

**Palavras-Chave:** DISCIPLINA, INSTRUÇÃO, EDUCAÇÃO

Em seu projeto de uma teoria da educação, Kant (1999) coloca o processo de formação do homem, a educação como a única maneira de leva-lo "em direção à perfeição da natureza humana" que através dela será desenvolvida e aprimorada. Este trabalho teve como objetivo expor a importância da disciplina e da instrução na formação do homem. Na distinção dos dois conceitos Kant (1999) aponta a disciplina como o lado negativo,

porém necessário a todos, e a instrução como o positivo, o responsável pela reflexão. Dentro desse processo formativo, deve-se tomar cuidado para que a disciplina não sujeite a criança a tal ponto que ela não consiga desenvolver de maneira proveitosa as suas disposições naturais, pois assim, elas estarão presas a "orientação de outrem" e dificilmente alcançarão a sua maior idade, mas também é preciso dirigi-las para que aprendam a ceder diante de obstáculos naturais. A metodologia usada neste estudo foi bibliográfica, tendo por base os textos de Kant (1999 e 2008) e artigos de comentadores acerca do objetivo deste trabalho. Como conclusão preliminar vê-se que a instrução pode ser adquirida ou desenvolvida sempre que houver um interesse em relação aos estudos, mas a disciplina é algo que com o passar do tempo vai se extinguindo nos indivíduos, por isso deve-se cuidar para que os discípulos hajam de acordo com as suas próprias máximas, ou seja, eles devem fazer algo porque é o certo e não simplesmente porque aprenderam ser o certo.

**Título:** OS EXTREMOS DA HISTÓRIA E O CONCEITO DE VIOLÊNCIA PODER EM WALTER BENJAMIN

**Segmento:** Ética e Filosofia Social e Política

**Autor:** JOSÉ GILARDO CARVALHO

**E-mail:** gilardocarvalho@yahoo.com

**Palavras-Chave:** VIOLÊNCIA, DIREITO, BENJAMIN

No presente artigo pretendemos apresentar o conceito de violência-poder em Walter Benjamin (1892 - 1940), com base no ensaio intitulado *Crítica do Poder, Crítica da Violência [Zr Kritik der Gewalt]*. Utilizamos como ponto de partida da crítica aqui em questão, a consideração da violência-poder no movimento próprio do texto de Walter Benjamin. Nesse sentido, esta exposição tem a seguinte seqüência: a) A recusa crítica dos pressupostos metodológicos do jus-naturalismo e do positivismo jurídico; b) A definição do procedimento da filosofia da história para estabelecer os critérios para uma avaliação do poder-violência; c) A identificação de dois princípios inerentes ao direito: a violência instauradora da lei (*Rechtsetzende Gewalt*) e a violência mantenedora da lei (*Rechtserhaltende Gewalt*). A partir daí, estabelecemos as seguintes suspeitas ou hipóteses: 1) O direito ou poder jurídico possui uma forma paradoxal de atuação, segundo as dimensões, instituidora e mantenedora do poder-violência, ou seja, na medida em que ele se faz valer, ele cria a sua própria suspensão, produz a exceção. dois) Essa contradição não se explicita na letra da lei, não se explica pelo seu caráter formal, mas apenas na realidade no sentido histórico abordado por Benjamin.

**Título:** O USO DOS PRAZERES E A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO MORAL EM MICHEL FOUCAULT

**Segmento:** Ética e Estética

**Autor:** DIANY MARY FALCÃO ALVES

**E-mail:** fdianymary@hotmail.com

**Palavras-Chave:** SUJEITO, SEXUALIDADE, MORAL

No segundo volume da História da Sexualidade, Foucault faz um estudo acerca do comportamento sexual na antiguidade clássica. O filósofo procura demonstrar de que maneira na antiguidade, a atividade e os prazeres sexuais forma problematizados através de práticas de si, pondo em jogo os critérios de uma "estética da existência". O presente estudo tem por objetivo analisar os processos de constituição do sujeito ético. Nossa pesquisa parte das primeiras leituras da obra *História da Sexualidade: O Uso dos Prazeres*, onde o autor buscou analisar como os indivíduos se reconhecem como sujeitos sexuais e a problematização da atividade sexual pelos filósofos e médicos na cultura grega clássica. Para Foucault a sexualidade é uma experiência histórica singular que inclui a preocupação moral e o cuidado ético, sendo refletida no âmbito da educação, do exercício da temperança, do bom uso dos prazeres, do domínio de si e dos outros. Os prazeres na antiguidade clássica grega, foram alvos de preceitos morais baseados em "técnicas de si", cujo modo de sujeição não consiste na coerção de condutas, mas se apresentava como uma "estética da existência".

**Título:** O VIÉS (I)MORAL DA ARTE POÉTICA NA PERSPECTIVA ARISTOTÉLICA: CARACTERÍSTICAS DA POESIA TRÁGICA E CÔMICA.

**Segmento:** Ética e Estética

**Autor:** EMANUEL LUCAS DE SOUSA NOBRE

**E-mail:** emanuel-lucas@live.com

**Palavras-Chave:** ÉTICA, ARTE, POÉTICA

A arte na Grécia clássica não vislumbrava uma pluralidade de produção e reflexão como presenciamos a partir da renascença, o conceito de *téchne* que não traduz a arte tal qual conhecemos hoje, era entendido como um saber fazer algo, qualquer espécie de produção que direcionasse uma forma de conhecimento era considerada *téchne*. Porém, Aristóteles (384 a.C - 322 a.C) ao hierarquizar os tipos de produção em sua obra *A Poética*, reconhece a importância moral do poeta e suas obras para o espírito do cidadão grego, e que diferentemente de seu mestre Platão, afirma que a poesia se faz necessária para a formação de bons cidadãos. Todavia, há um gênero poético nocivo a Pólis? Com base na obra *A Poética* pretendo clarificar a relação entre arte e moral na perspectiva de Aristóteles, dando ênfase as análises feitas pelo autor sobre o gênero comédia e tragédia, gêneros que segundo o autor cultivam no público sentimentos (i)morais.

**Título:** PRIMEIRO E SEGUNDO MODOS DE PERCEPÇÃO OU PRIMEIRO GÊNERO DE CONHECIMENTO

**Segmento:** Ética Fundamental

**Autor:** ANA CAROLINE LIMA LIRA

**E-mail:** oly.lira@gmail.com

**Palavras-Chave:** SPINOZA, IMAGINAÇÃO, OPINIÃO

O conhecimento das ideias falsas ou inadequadas, que formam a imaginação ou a opinião, se torna importante, na medida em que se objetiva conhecer e entender o funcionamento da mente. Segundo a teoria de Spinoza, o homem é formado por dois atributos, que são: Pensamento e Extensão. A mente humana é uma modificação do Pensamento, e o corpo uma modificação da Extensão. Estando a mente unida ao corpo do mesmo modo que a ideia se une a mente. As modificações que formam o homem são parte de uma pluralidade de modificações. O corpo humano está arranjado de tal modo que tanto afeta quanto é afetado de muitas formas pelos corpos exteriores. Como tudo que acontece ao corpo a mente percebe (pois ele é o ser formal da mente humana), então, a capacidade de percepção é diretamente proporcional à quantidade de afetações sofridas pelo corpo. E é através desse movimento de afetação que a mente humana se torna capaz de tomar conhecimento do corpo em ato. Porém, ela não conhece adequadamente as partes componentes do corpo humano, nem, tão pouco, dos corpos exteriores. As ideias das afecções do corpo humano são confusas por estarem referidas apenas na mente humana. Como não é possível conhecer um corpo exterior existente em ato sem o concurso das ideias das afecções do seu próprio corpo humano, este, pelo mesmo motivo, se torna um conhecimento confuso. É inadequado, também, o conhecimento da duração do nosso corpo e das coisas singulares. São verdadeiras as ideias existentes em Deus e as que em nós se mostram adequadas e perfeitas. Por sua vez, as ideias confusas e mutiladas, ou inadequadas, são consequências da privação do conhecimento, e estas advêm umas das outras, assim como as ideias adequadas. Com o intuito de conhecer o funcionamento da mente e tomando como base o método cartesiano, Spinoza, na parte dois do seu livro *Ética*, trata do assunto. E é nessa parte da obra que se baseou esse trabalho.

**Título:** PRIMO LEVI E A PERSPECTIVA BENJAMINIANA DA NARRATIVA

**Segmento:** Ética e Filosofia Social e Política

**Autor:** MARIA DA CONCEIÇÃO ÁVILA DE MISQUITA VIÑAS

**E-mail:** conceicaoavila@gmail.com

**Palavras-Chave:** NARRATIVA, EXPERIÊNCIA, TESTEMUNHO

Para Walter Benjamin a narrativa possui uma dimensão prática em que o narrador transmite um saber, uma experiência, um conselho. Para ele, é a experiência que passa de pessoa a pessoa a fonte a que recorreram todos os narradores. O dom narrativo, na perspectiva benjaminiana, é tecido numa rede que se constrói na relação entre o ouvinte e a história narrada. Esta relação entre o ouvinte e o narrador, conforme Benjamin, é dominada pelo interesse em conservar o que foi narrado. Será que em Primo Levi está guardado o dom narrativo, conforme a concepção de Walter Benjamin. Este trabalho, buscou identificar se em Primo Levi encontramos os atributos da narrativa benjaminiana. Tomou-se por referência o livro *Afogados e sobreviventes* deste autor italiano, filho de judeus, que destacou-se por uma obra sobre os horrores nazistas. À medida que lemos, vamos adentrando e nos impregnando do universo narrativo de Primo Levi, embora dominados por uma

grande perplexidade. As imagens vão se construindo com o fluir de suas palavras, de suas metáforas. O leitor vai sendo içado para o centro da narrativa e esquecendo-se de si mesmo. Desta forma, como afirma Benjamin, vamos adquirindo espontaneamente o dom de narrá-la, de contá-la aos outros e nos sentimos na companhia do narrador. Mesmo diante de uma narrativa baseada, como afirma Primo Levi, nas recordações de experiências extremas, de ofensas sofridas ou infligidas, exaltamos a maestria deste narrador. Embora diante, inclusive dos limites da língua, para narrar tão absurdo fenômeno, carregado de tanta crueldade, entendemos que Primo Levi é um grande narrador. Destaca-se a sua capacidade de construir metáforas, de movimentar-se na experiência narrada, com tanto domínio e lucidez, para transpor ao leitor a lógica e o sentido do sistema concentracionário nazista. Suas metáforas constroem imagens que nos revelam "a mancha do século XX". Podemos validar esta competência narrativa na afirmação de Benjamin de que comum a todos os grandes narradores é a facilidade com que se movem para cima e para baixo nos degraus de sua experiência. Parece-nos que Primo Levi angustia-se com o fervoroso desejo de intercambiar as experiências vividas e, principalmente, de dar voz aos não sobreviventes, aqueles que sucumbiram à catástrofe. Sua narrativa expressa não apenas a sua experiência, mas também a daqueles emudecidos que não puderam e abdicaram de contá-la. É, portanto, a narrativa de uma experiência coletiva. Entretanto, não nos parece uma experiência que passou de pessoa a pessoa, contada de boca em boca. Em sua narrativa, Primo Levi deixa emergir a intenção para com o relato de seu testemunho. Exalta o valor do conhecimento e da compreensão do massacre nazista, afirmando o seu caráter "exemplar" certamente com a finalidade de evitar uma nova barbárie. Como afirma Benjamin, o narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros. Nesta perspectiva, consideramos Primo Levi como um narrador semelhante ao contador de histórias referido por Benjamin.

**Título:** **REPRODUTIBILIDADE TÉCNICA E A QUEBRA DA AURA NA OBRA DE ARTE EM WALTER BENJAMIM**

**Segmento:** Ética e Estética

**Autor:** GABRIELA PINHEIRO CAMPOS RATTS

**E-mail:** gabi.ratts@gmail.com

**Palavras-Chave:** REPRODUÇÃO, ARTE, AURA

Sempre se pode reproduzir a arte, as imitações sempre existiram. Tomando como exemplo as pinturas, estas, de início, quando eram replicadas só eram feitas em pequenos números tendo em vista as dificuldades da reprodução que só podia ser feita de modo artesanal por alguém com habilidades manuais. Foi através do desenvolvimento dos meios de produção e com um real aprimoramento das técnicas de reprodução que se tornou possível serem feitas cópias destas obras em grande escala e de diversas formas. O presente trabalho faz uma exposição de como Walter Benjamin, no texto *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica*, mostra que a partir do desenvolvimento e das facilidades trazidas pela reprodução em série, se tornou possível fazer com que objetos únicos, raros, cultuados e embebidos do que o autor chama de aura, já não estavam mais distantes daqueles que os desejava não podiam obtê-los. A massa passou a ter acesso as réplicas das grandes obras e para esta maioria o quadro que outrora era impossível ter por enfeite na parede da sala suas casas, agora podia esta não só na sala mais também em todos os outros cômodos. É através desta superação da unicidade do objeto desejado e que passou a ser facilmente reproduzível e possível de possuir, que o autor mostra a destruição da aura na obra de arte.

**Título:** **RESPONSABILIDADE ONTOLÓGICA E ÉTICA DO AGIR EM HANS JONAS**

**Segmento:** Ética Fundamental

**Autor:** JOSÉ ERIVALDO DA PONTE PRADO

**E-mail:** erivaldoprado@hotmail.com

**Co-Autores:** EDUARDO JORGE OLIVEIRA TRIANDOPOLIS

**Palavras-Chave:** RESPONSABILIDADE, TECNOLOGIA, NATUREZA

A obra "*O princípio responsabilidade*" [1979] de Hans Jonas, compreendida como um *tractatus technologico-ethicus* tenta resgatar à imagem do homem grego obscurecida pela tecnologia. Ao apresentar a responsabilidade como categoria ontológica, Jonas pretende sinalizar ao homem um agir prudente frente às inovações tecnológicas e às propostas de futuro da humanidade. O princípio ontológico de Jonas encontra sua fundamentação na filosofia de Martin Heidegger e no seu questionamento acerca do ser. A categoria ontológica da responsabilidade deverá implicar para Jonas uma ética como doutrina do agir. A questão do ser, eclipsada em virtude de uma preponderância da dimensão racional desde Aristóteles, alcança seu apogeu no iluminismo. Partindo da crítica ao iluminismo, Jonas conduzirá seu discurso aos efeitos da tecnologia sobre a existência humana e sua integridade física. Surge aqui o questionar acerca dos fundamentos da ética tradicional e o seu enfraquecimento frente à técnica moderna, cuja essência não identificada assume novas proporções diante dos



poderes do homem de intervenção na natureza. Essa segunda natureza ou natureza nova exige um agir responsável de alcance e amplitude proporcionais ao nosso poder.

**Título:** **SCHOPENHAUER, FILÓSOFO DA VONTADE: DO CARÁTER SECUNDÁRIO DA RAZÃO**

**Segmento:** Ética e Estética

**Autor:** CLEILTON DOS SANTOS MOREIRA

**E-mail:** kwamkum@hotmail.com

**Palavras-Chave:** VONTADE, RAZÃO, METAFÍSICA IMANENTE

O filósofo alemão Arthur Schopenhauer (1788-1860) intentou com seu sistema filosófico o que se pode chamar de uma metafísica imanente, esta, que por sua vez partia da intuição empírica, de uma metafísica da Vontade para que mediante isso se pudesse obter a decifração do enigma do mundo, uma vez que sua filosofia não se perguntava pelo como, nem o porquê, muito menos de onde veio ou para onde vai o mundo e sim o que é o mundo. Sua filosofia tinha como ponto chave não a razão, como a maioria dos sistemas filosóficos, como por exemplo, sua grande referência intelectual, a saber, Kant, e sim o conceito de Vontade, conceito esse que o autor definia essencialmente como ímpeto cego e irracional. Com isso Schopenhauer fez uma significativa crítica à razão, cujo segundo o autor teria a função principal de formar conceitos e fixá-los. A razão então tem o papel de fixar o conhecimento, tendo como fundo, como substrato o conhecimento intuitivo, nesse sentido a razão como já fora dito não só fixa o conhecimento, ou seja, torna se comunicável, como também tem caráter transformador, onde a razão não possuiria caráter plasmador e sim transformador, conferindo ao que fora intuído mediante a razão um novo formato. A razão, portanto não criaria nada, esta tão somente nos apresentaria, ou melhor, nos reapresentaria em um novo formato aquilo que teria sido apreendido pela intuição. O intento do referente trabalho é mediante a análise de seus escritos, tomando como ponto referencial principal sua obra magna O mundo como vontade e como representação explicitar a relação secundária que a razão possui para com a Vontade, definindo a razão no decorrer do processo como instrumento objetivador da mesma, a saber, da Vontade.

**Título:** **SPINOZA: DEUS E A CONSTRUÇÃO GEOMÉTRICA DO MONISMO ABSOLUTO NA PARTE I DA ÉTICA**

**Segmento:** Ética Fundamental

**Autor:** PAULO JORGE BARREIRA LEANDRO

**E-mail:** pjleandro@yahoo.com.br

**Palavras-Chave:** SPINOZA, ÉTICA, DEUS

Neste trabalho de pesquisa busca-se apresentar o conceito de monismo absoluto spinozista a partir da construção do método que Martial Guerroult chamou de ordine geométrico. Um método que parte do simples para o complexo. Neste sentido, temos dois momentos que se unem em um só: apresentar a definição de Deus desdobrando-se em um percurso geométrico que parte da proposição de um pluralismo substancial, seguindo-se para a concepção de monismo substancial e, enfim, monismo absoluto, ou seja, Deus como substância única e existente. Vale ressaltar que no decorrer da apresentação serão abordados como pontos de passagem conceitos como substância e causa (natureza naturante), modos e efeitos (natureza naturada), bem como, a definição do que vem a ser atributos no pensamento de Spinoza.

**Título:** **TELEOLOGIA INFINITA: A IDEIA COMO VIDA LÓGICA E O MUNDO ORGÂNICO COMO O EM SI DA IDEIA**

**Segmento:** Hegel e Filosofia Hegeliana

**Autor:** THAÍS HELENA ELLERY DE ALENCAR

**E-mail:** thatylena@yahoo.com.br

**Palavras-Chave:** HEGEL, LÓGICA, IDEIA

A teleologia proposta por Hegel tem como fim último do mundo a liberdade. Dessa forma a ideia é a verdade, pois o absoluto é a ideia universal, bem como também é uma ideia que se particulariza no sistema das ideias determinadas. Por isso, a ideia é uma substância una, universal mas a sua efetividade verdadeira é ser como sujeito e assim como espírito. Por conseguinte, o desenvolvimento da ideia ou da vida lógica acontece num primeiro processo que tem como ponto de partida o indivíduo vivo, o processo vital e o gênero e somente a partir disso, é que podemos perceber que esse processo retrata a estrutura da vida biológica. O ser vivo se opõe a natureza inorgânica ao qual se refere como potência dela e que nele se assimila. Os organismos vivos aparecem como um retorno a si mesmo, e, para isso, se faz necessário apontar a vida como finalidade interna

do sistema hegeliano. A finalidade serve de modelo para a estruturação do sistema. O *télos* interno é que caracteriza a vida lógica, bem como os organismos vivos. Isso se dá dentro de um movimento circular, processual, que está em toda a natureza viva. O problema da finalidade está presente em várias interpretações diferentes da filosofia de Hegel e ela é tratada de maneira crítica. Por muitos, Hegel foi acusado de propor um sistema fechado e finalista. Nessa linha de raciocínio haveria um progresso linear de uma categoria a outra com a pretensão de se chegar a um dado ponto de onde não se poderia mais avançar. Isso aconteceu com as discussões acerca do fim da arte, do fim da história e do determinismo finalista da Ciência da Lógica. As críticas direcionadas a Hegel em sua noção específica de finalidade advêm da prova físico-teológica da existência de Deus. Esta noção abrange a ideia de fim com um propósito de uma causa eficiente que atua na sua efetivação. Atualmente, esta noção é considerada limitada por não realizar a distinção entre a finalidade externa, que é finita, e a finalidade interna, que é infinita.

**Título:** **UMA DISCUSSÃO PLATÔNICA A CERCA DO AMOR E DO BELO FUNDAMENTADA NA OBRA: O BANQUETE**

**Segmento:** Ética e Estética

**Autor:** FABÍOLA SOARES GUERRA

**E-mail:** fabiolasoaresguerra@hotmail.com

**Palavras-Chave:** VERDADE, AMOR, BELO

O presente artigo tem o desígnio de definir por meio do discurso da Sacerdotisa Diotima e do jovem Alcibiades o método dialético de Platão, que leva ao belo em si e a verdadeira felicidade, na obra O banquete. Um diálogo que oferece os discursos de sete convidados, a respeito do amor Eros. Em forma de uma peça teatral, considerado um dos mais bem-sucedidos dos colóquios platônicos. Em que cada participante tem sua personalidade e competem fazer valer seus talentos. Porém, venho reforçar em dois diálogos o de Alcibiades, este faz um discurso apaixonado e nos proporciona a um Sócrates com uma posição semelhante a do Eros. E do mesmo, que é o mais admirável dentre os homens presentes no banquete, pois o seu discurso revela aos participantes a doutrina transmitida por Diotima, uma sábia mulher de Manteneia que o ensinava nos assuntos referentes ao amor. No decorrer de toda a obra Platão relaciona o amor com a verdade, pois para o filósofo quando se ama não significa exercer o poder sobre alguém, mas sim ser correspondido, isto é, trata-se de agir com a verdade. Como uma extensão particular do homem, as paixões, os desejos e o amor são sentimentos que vem sendo investigado desde a antiguidade, assim como o interesse e a inquietação no ser por aquilo que, efetivamente, o agrada. Veremos no decorrer de toda a apresentação do presente trabalho que essa investigação ao alcance do belo em si, e a busca insensata pela compreensão do conceito de beleza move a vida humana tornando um ideal. Compreenderemos também que para Platão, o belo é o bem, e a verdade, existe em si mesma afastada do mundo sensível, residindo assim no mundo das ideias.

**Título:** **UMA DURAÇÃO SEM TEMPO.**

**Segmento:** Ética Fundamental

**Autor:** RAVENA OLINDA TEIXEIRA

**E-mail:** ravenaolinda@gmail.com

**Palavras-Chave:** TEMPO, DURAÇÃO, ETERNIDADE

Benedictus de Spinoza é um filósofo do século XVII que nos apresenta um complexo sistema filosófico. Em seu sistema, ele nos escreve sobre Deus, sobre a natureza, sobre o eterno e o infinito, porém algumas proposições também são dedicadas às coisas contingenciais, ou seja, sobre finitude, sobre duração, sobre tempo. Tempo, duração e eternidade são conceitos aos quais, Spinoza, não se debruçou completamente, a eles não foram dedicadas nenhuma obra específica, nem ao menos uma parte exclusiva de sua obra maior. Porém as implicações para sua nova perspectiva para os mesmos demonstram a ousadia de sua filosofia, pois conseqüências de sua filosofia imanente e se espalham por todas as suas obras, sorrateiramente, ocupam todas as partes da *Ética*. Sua substância é eterna e infinita, mas produz de si mesma os modos finitos, esses modos participam dessa eternidade apenas em um curto espaço de tempo, e isso é o que podemos chamar de duração. Dessa forma, ele estabelece outra relação entre o *terminari*, termo utilizado por Spinoza para coisas finitas, e a duração que é um espaço de tempo medido pelo homem dentro da eternidade.

**Título:** **VIOLÊNCIA: LIVRES POSSIBILIDADES DO HOMEM EM SIMONE DE BEAUVOIR**

**Segmento:** Ética e Filosofia Social e Política

**Autor:** ELIZABETH ALMEIDA RODRIGUES

**E-mail:** eli87ar@gmail.com

**Palavras-Chave:** BEAUVOIR, VIOLÊNCIA, LIVRES POSSIBILIDADES

Se o homem é compreendido como liberdade, seria absurdo afirmar que ele é livre para agir somente no Bem ou no Mal. A escritora e filósofa existencialista francesa Simone de Beauvoir (1908 - 1986) compreende o

homem por meio de uma *condição* humana, condição esta de ambiguidade e liberdade; o homem é incompleto constitutivamente e livre em situação, sem definições e justificações *a priori*. Mas por que a violência é encarada como livres possibilidades humanas? Em seus escritos, principalmente os da década de 40, Beauvoir demonstra por meio do método fenomenológico-existencial, que encarar o homem através de uma condição, é também o encarar como livres possibilidades contingenciais que se transcende a alhures, por meio de seus projetos. Entretanto, as ações humanas são antinômicas, numa ação ou projeto para salvar os homens, outros são sacrificados, então a intenção de se agir de maneira absoluta no Bem ou Mal nunca é realizada, mas se furta de ser apreendida e enclausurada, assim como o homem, devido à ambiguidade e transcendência de se agir livremente. A violência, portanto, pode aparecer como uma oposição de vontades, no movimento de libertação e também como a face obscura da opressão, todavia, ela sempre está contida nas ações humanas, e a compreender como livres possibilidades deste homem singular é também o encarar sempre como responsável, por suas assunções ou demissões. Expor tal inquietante compreensão é o objetivo desta pesquisa.

**Título:** **VONTADE DE VERDADE: A DISSIMULADA RELAÇÃO ENTRE EPISTEMOLOGIA E MORAL**

**Segmento:** Ética Fundamental

**Autor:** PAULO MARCELO SOARES BRITO

**E-mail:** nsdunm@hotmail.com

**Palavras-Chave:** VONTADE DE VERDADE, MORAL, NIETZSCHE

A busca pela verdade perpassou a história da filosofia por inteiro, constitui-se como um dos poucos consensos a que chegaram os filósofos, estes discordaram quanto aquilo que seria a verdade, mas grande parte dos mesmos concordaram com a existência desta. Ou seja, concordaram que existiria uma verdade universal que garantiria a veracidade das verdades particulares e que a mesma poderia ser identificada. Quando até mesmo este ponto pacífico entre os filósofos foi posto em questão inaugurou-se um novo momento da história da filosofia no qual a verdade passou a ser analisada por diversos ângulos. O filósofo alemão Friedrich Nietzsche inaugurou um destes ângulos sob os quais a verdade foi analisada. Nietzsche inicia a análise da verdade pelo ponto de vista da moral. Sob este ponto de vista a verdade aparece como "vontade de verdade" um suposto impulso que impeliria ao homem ao conhecimento e a identificação da veracidade de tal conhecimento. Tem-se como objetivo deste trabalho explicitar o papel da moral e sua relação com esta "vontade de verdade", pretendemos mostrar que a força motriz desta vontade não é epistemológica, mas moral. E que tal moral é identificável e possível de ser referida a um determinado tipo humano o qual professa e defende tal moral de forma interessada. Para realizar este intento recorreremos a análise do tema feito por Nietzsche nas obras *Além do bem e do mal*, *Genealogia da moral*.

**Título:** **WALTER BENJAMIN: MÍSTICA JUDAICA E CRISE DA EXPRESSÃO ESTÉTICA**

**Segmento:** Ética e Estética

**Autor:** ROBSON BRENO DOURADO DE ARAUJO

**E-mail:** robson\_ciccone@hotmail.com

**Palavras-Chave:** LINGUAGEM, HISTÓRIA, NEGATIVIDADE

Este trabalho propõe-se a pensar o problema estético que norteia a reflexão benjaminiana sobre a linguagem, no que se refere a sua dimensão expressiva, e objetiva maturar uma hipótese de compreensão de sua obra na medida em que esse esforço está ancorado num terreno interpretativo - suscitado pelo próprio autor - de cunho eminentemente cabalístico. Para tanto, busca-se indicar, como ponto de partida, o uso da mística judaica, no que concerne a teoria da linguagem, enquanto crítica da alienação desta, imbricando-o ao ato de recorrer ao texto do Gênesis para suspender uma categoria linguística própria do homem - o nomear - para submetê-la ao desvio que se efetiva como negação da tagarelice na esfera da mera comunicação. O centro da denúncia de Benjamin esta fincado na experiência subjetiva do falante que expõe para fora uma representação (signo) dos domínios subjetivos na tentativa de fazer do discurso a condução desta mesma subjetividade que se afirma na fala, ou seja, a exteriorização do sujeito falante é precisamente uma pseudoexteriorização, na medida em que, esse falante retorna a si mesmo na tentativa de dizer esse Si que retrocede sempre nessa repetição mítica onde a expressão é uma mera mesmidade linguística; experiência esta que ele denomina como concepção burguesa da linguagem.